



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE  
CULTURAL LATINO-AMERICANA**

**ESPOLIAÇÃO, VIOLÊNCIA E CONFLITOS:  
A PERMANÊNCIA DO POVO AVÁ GUARANI NO TEKOHÁ YMÃ E A LUTA PELA  
DEMARCAÇÃO TERRITORIAL**

**Alexsander Brandão Carvalho Sousa**

Foz do Iguaçu  
2015

**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,  
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL  
LATINO-AMERICANA**

**ESPOLIAÇÃO, VIOLÊNCIA E CONFLITOS:  
A PERMANÊNCIA DO POVO AVÁ GUARANI NO TEKOHÁ YMÃ E A LUTA PELA  
DEMARCAÇÃO TERRITORIAL**

**Alexsander Brandão Carvalho Sousa**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana..

Orientador: Profa. Dra. Senilde Alcantara Guanaes

Foz do Iguaçu  
2015

ALEXSANDER BRANDÃO CARVALHO SOUSA

**ESPOLIAÇÃO, VIOLÊNCIA E CONFLITOS:**  
A PERMANÊNCIA DO POVO AVÁ GUARANI NO TEKOHÁ YMÃ E A LUTA PELA  
DEMARCAÇÃO TERRITORIAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Profa. (Dra.) (Senilde Alcantara Guanaes)  
UNILA

---

Coorientador: Prof. (Dr.) (Spensy Kimita Pimentel)  
UFSB

---

Profa. (Dra) (Jacqueline Parmigiani)  
(UNIOESTE)

---

Prof. (Dr.) (Júlio Da Silveira Moreira)  
(UNILA)

Foz do Iguaçu, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

Dedico este trabalho a todas as lideranças e vice lideranças Guarani que estão lutando pela demarcação de terra indígena, a todos os povos indígenas na América Latina, e a uma grande amiga, Martina, que tem um lugar especial na memória e no coração de minha pessoa e de todas as outras que tiveram a imensa oportunidade de te-la conhecido.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço:

À minha família consanguínea; mãe (Edna), Pai (Nilton) e irmã (Letícia), pelo amor e o apoio que me deram, e dão, sempre, antes e durante o período da graduação.

À minha companheira, Amandinha, pelo amor, carinho e parceria.

À professora que me orientou desde os primeiros trabalhos da graduação, na iniciação científica e na monografia, Profa. Dra. Senilde A. Guanaes.

Ao professor Spensy K. Pimentel, que contribuiu na formulação teórica do trabalho.

Ao professor Júlio da Silva Moreira, à professora Jacqueline Parmigiane, e ao professor Pablo Felix por terem aceitado a fazer parte da banca, por motivos de saúde o Professor Pablo, infelizmente, não pode fazer parte da banca.

A todos(as) os(as) “esqueletos(as)”, que, por sorte e alegria, são muitos(as), mas em especial ao Flaquito (André), tanto pela amizade, quanto por ter contribuído para o desenvolvimento teórico da monografia, com uma indicação bibliográfica que foi muito valiosa para o meu trabalho. Ao Renanzinho, que além de termos ido juntos à campo, me disponibilizou fotografias que utilizei neste trabalho. Ao Guzman, a primeira pessoa que leu e fez comentários valiosos sobre a construção do texto monográfico.

Ao Japa (Ricardo), Germanzinho, Lauro, Chileno (Jonathan) e Renezinha, pela parceria, convivência e a colaboração na construção deste TCC. À Julieta, linda criança que transborda amor e alegria.

Agradecimento especial a todos(as) os(as) colegas da turma de antropologia da UNILA do ano 2011, tanto por terem contribuído na minha formação, devido às discussões dentro e fora do espaço acadêmico, quanto pelo companheirismo.

Agradecimentos mais que especiais à Paulina, Ilson, Vicenta, Jessica, Sr. Onório e Teodoro, que foram meus professores indígenas, tendo contribuído na minha formação tanto como antropólogo em campo, e tanto como pessoa.

*Pierre Clastres, depois de conviver um pouco com os nossos parentes Nhadevá e M'biá, concluiu que somos sociedade que naturalmente nos organizamos de uma maneira contra o Estado; não tem nenhuma ideologia nisso, somos contra naturalmente, assim como a água do rio faz o seu caminho, nós naturalmente fazemos um caminho que não afirma essas instituições como fundamentais para a nossa saúde, educação e felicidade.*

Ailton Krenak - Prefácio de: "A sociedade Contra o Estado", de Pierre Clastres.

SOUSA, Alexsander Brandão Carvalho. **Espoliação, Violência e Conflitos**: A permanência do povo Avá-Guarani no Tekohá Ymã e a luta pela demarcação da terra. 2015. 69p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

## RESUMO

A monografia aborda a luta pela demarcação territorial do grupo étnico Avá-Guarani que estão localizados na região oeste e extremo oeste do Paraná. Boa parte do tempo de permanência em campo foi na Terra Indígena Tekohá Itamarã, em Diamante d'Oeste e na aldeia Tekohá Y'Hovy, em Guaíra. Recupero, através de fontes bibliográficas, uma parte do histórico recente de expropriação das antigas aldeias que existiram no local do recorte da pesquisa, período que vai de 1940 a 1980. O trabalho procura expor o resultado atual desse histórico de espoliação que culminou nas retomadas de terra, que emerge com força em fins da década de 1980, ressaltando a violência física e simbólica contra a população indígena no município de Guaíra, fazendo também uma análise de como a população não indígena concebe o que é ou não é "índio". Chamo atenção para o papel da liderança indígena como representante da comunidade, para isto me apoio na teoria política de Pierre Clastres e outras (os) etnólogas (os) contemporâneos.

**Palavras-chave:** Etnologia, Avá-Guarani, território, política.

SOUSA, Alexsander Brandão Carvalho. **Espoliação, Violência e Conflitos**: A permanência do povo Avá-Guarani no Tekohá Ymã e a luta pela demarcação da terra. 2015. 69p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

### **ABSTRACT**

This paper addresses the struggle for the territorial demarcation of the Avá-Guaraní ethnic group which is located in the western and far western region of Parana. Large part of the time I remained in field research was in Tekohá Itamarã Indigenous Land in Diamante d'Oeste and Tekohá Y'Hovy village in Guaira. It recovers through bibliographical sources, part of the recent history of expropriation of the old villages that existed in the research area, from 1940 to 1980. It evidences the current result of this history of pillaging which resulted in the retakes of lands that emerged in the late 1980s. Highlights the physical and symbolic violence against the indigenous population in the municipality of Guaira, and does an analysis of how the non-indigenous population sees what it is, or is not, "indian." Draws attention to the role of indigenous leader as spokesman for the community, for this I base on the theory of indigenous politics of Pierre Clastres and other contemporary ethnologists.

**Key words:** Ethnology, Ava-Guarani, territory, political.

SOUSA, Alexsander Brandão Carvalho. **Espoliação, Violência e Conflitos**: A permanência do povo Avá-Guarani no Tekohá Ymã e a luta pela demarcação da terra. 2015. 69p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Antropologia e Diversidade Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2015.

## RESUMEN

Esta monografía aborda la lucha por la demarcación territorial del grupo étnico Avá-Guaraní que está localizado en la región oeste y extremo oeste de Paraná. Buena parte del tiempo en que permanecí en campo fue en la Tierra Indígena Tekohá Itamarã, en Diamante d'Oeste y en la aldea Tekohá Y'Hovy, en Guaíra. Recupero, a través de fuentes bibliográficas, una parte del histórico reciente de expropiación de las antiguas aldeas que existieron en el local de recorte de la investigación, período que va desde 1940 a 1980. Evidencio el resultado actual de este histórico de expoliación que derivó en las retomas de tierras que emergen en fines de 1980. Resalto la violencia física y simbólica contra la población indígena en el municipio de Guaira, y hago un análisis de cómo la población no indígena concibe lo que es, o no es, "indio". Llamo la atención sobre el papel del líder indígena como portavoz de la comunidad, para esto me apoyo en la teoría de la política indígena de Pierre Clastres y otros etnólogos contemporáneos.

**Palavras clave:** Etnología, Ava-Guaraní, território, política.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Mapa dos municípios da região oeste do Paraná .....	13
<b>Figura 2</b> – Mapa que localiza as atuais aldeias e as que foram esbulhadas no sudoeste do Paraná .....	25
<b>Figura 3</b> – Mapa que localiza as atuais aldeias em Guaíra e Terra Roxa .....	26

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

<b>Fotografia 1</b> –O comunicado público da “invasão indígena” .....	31
<b>Fotografia 2</b> – Índio de cabelo ondulado? .....	32
<b>Fotografia 3</b> – Isso é mesmo um índio? .....	32
<b>Fotografia 4</b> – Índio de aba reta? .....	33
<b>Fotografia 5</b> – Índio coisa nenhuma.....	34
<b>Fotografia</b> – Xondaro da aldeia Tekohá Jevy.....	57

## LISTA DE TABELA

<b>Tabela 1</b> – Tabela das 59 aldeias esbulhadas apenas na região oeste do Paraná.....	24
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

INCRA- Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

SPI- Serviço de Proteção ao Índio

FUNAI- Fundação Nacional do Índio

ONGDIP- Organização Nacional de Garantia ao Direito da Propriedade

CTI- Centro de Trabalho Indigenista

IBAMA- Instituto Nacional Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

PNI- Parque Nacional do Iguaçu

MP- Ministério Público

ISA- Instituto Sócio Ambiental

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
1.1 O LOCAL DA PESQUISA.....	12
1.2 INFORMAÇÕES SOBRE O POVO GUARANI NO OESTE DO PARANÁ.....	14
1.3 PARA ALÉM DAS FORNTEIRAS.....	15
1.4 PRIMEIRO PASSO. O CONTATO COM AS COMUNIDADES GUARANIS NO OESTE DO PARANÁ.....	16
1.5 A ESTRUTURA DA .....	17
1.6 O MÉTODO.....	18
<b>CAPITULO 1 BREVE PANORAMA DO PROCESSO HISTÓRICO DE ESPOLIAÇÃO DAS ALDEIAS .....</b>	<b>19</b>
<b>CAPITULO 2 VIDAS EM RISCO. A CONDIÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA NAS ALDEIAS LOCALIZADAS NA CIDADE DE GUAÍRA-PR E OS CONFLITOS COM A SOCIEDADE CIVIL.....</b>	<b>28</b>
2.1 CONFLITOS, VIOLÊNCIA, RACISMO E A NEGAÇÃO DO OUTRO.....	29
2.2 RELATOS SOBRE O CONFLITO.....	38
<b>CAPITULO 3 O TRABALHO DAS LIDERANÇAS.....</b>	<b>44</b>
3.1 AS LIDERANÇAS DA RESERVA INDÍGENA TEKOHÁ ITAMARÃ.....	47
3.2 AS LIDERANÇAS DA ALDEIA TEKOHÁ Y'HOVY.....	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>57</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>60</b>
<b>ANEXO 1 - TRANSCRIÇÃO DA FALA DE ILSON NO XXVI ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE CIENCIAS SOCIAIS DA REGIÃO SUL, DE 2014, NO MUNICÍPIO DE FOZ DO IGUAÇU .....</b>	<b>62</b>
<b>ANEXO 2 – CARTA DOS AVÁ-GUARANI REFERENTE À ULTIMA OCUPAÇÃO DO PARQUQ NACIONAL DO IGUAÇU .....</b>	<b>65</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo e a expectativa deste trabalho monográfico, é construir um documento que possa dar conta de registrar os fatos que vêm ocorrendo em alguns municípios da região oeste do estado do Paraná, relativo aos conflitos entre os povos indígenas Guarani, e os proprietários de terras da região - estes apoiados pela mídia, pelos políticos e por boa parte da sociedade civil do município – através de relatos pessoais dos Guaranis que vivem nas aldeias, informações extraídas das redes sociais, e relatórios do Ministério Público.

Pretende-se mostrar a intolerância, o racismo, a violência física e simbólica, que é gerada pela falta da demarcação Territorial Guarani, que reivindicam não só a demarcação territorial, mas também o devido reconhecimento enquanto uma cultura e um povo que vive e pensa diferente de nós, que não somos indígenas. Para a compreensão do problema, faço um breve levantamento do processo histórico que ocasionou a espoliação cultural e territorial que o povo Guarani vem sofrendo de forma violenta. Ressalto também, a resistência deste povo para continuar permanecendo e resistindo em seu território.

### 1.1- O LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada na região oeste do Paraná, durante o período de um ano e seis meses, a professora e orientadora Senilde Guanaes, eu e outros estudantes, fizemos visitas em algumas aldeias para acompanhar eventos como as reuniões de lideranças, quando éramos convidados a participar.

Nestas visitas, me aproximei mais de umas lideranças do que de outras, pela simples relação durante estas vivências e não por critérios metodológicos. Então, baseado na afinidade, optei em fazer trabalho de campo com foco em duas das várias aldeias localizadas no oeste paranaense, uma delas é a aldeia Y'Hovy em Guaíra-PR, e a outra é a aldeia Tekohá Itamarã em Diamante d'Oeste-PR.

A grande diferença entre a Tekohá Y'hovy e a Tekohá Itamarã, é que a primeira não é demarcada e a segunda sim. A situação na Reserva Indígena Tekohá Itamarã é mais “tranquila” em comparação com a Tekohá Y'hovy, pois nesta, tudo é mais difícil justamente pelo fato da terra não ser regularizada e homologada. Podemos perceber que o acesso a água, energia elétrica, saneamento básico, trator para arar a terra, escola dentro da aldeia, atendimento hospitalar, entre tantos outros problemas são agravados e mais difíceis de serem resolvidos.



Figura-1. Mapa dos municípios da região Oeste do Paraná.

Fonte: [www.lindeiros.org.br](http://www.lindeiros.org.br) (acesso 17/09/2015)

Não podemos esquecer as ameaças que parte da população não-indígena de Guaíra-PR direciona às lideranças e vice lideranças destas aldeias não regularizadas, como veremos nas informações concedidas pelas lideranças das aldeias do município de Guaíra, onde já houve expostas no centro do município faixas com escritos racistas contra o povo Guarani, que incitam as pessoas que vivem no município a conceberem os Guaranis como “índios invasores”, ou como diz uma liderança, “pessoas que são quase pessoas” mas que

não são pessoas, são concebidos, como veremos no capítulo 2, como indivíduos que se dizem índios para “roubar” terras dos fazendeiros, e que, caso sejam mesmo “índios de verdade”, não seriam originários de Guaíra-PR, mas sim do Paraguai ou do Mato Grosso do Sul.

Um forte componente da paisagem na região extremo oeste do Paraná é o agronegócio, podemos observar imensas fazendas de monocultivo de soja, em boa parte, e milho, os municípios ficam “ilhados” em meio às plantações, fato que causa forte impacto negativo para as populações indígenas, quilombolas e pequenos agricultores.

Mais recentemente, somando-se a todos esses processos que resultaram na violação de direitos, na expropriação territorial e na espoliação dos povos indígenas da região, os latifúndios comandados pelo agronegócio e pelas monoculturas de soja, milho e cana de açúcar têm acrescentado mais um capítulo ao histórico de violações contra esses povos e demais populações tradicionais, rurais e ribeirinhas do Estado nos dois lados da fronteira. Hoje, a soja e o milho, que são as principais culturas desenvolvidas pelo agronegócio no Paraguai e no Brasil, movimentam 400 mil toneladas de milho e 120 mil toneladas de soja, segundo números do Censo Agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE: 2012), só nos dois municípios brasileiros: Guaíra e Terra Roxa, no Paraná. (Guanaes, 2015: 04-05)

## 1.2- INFORMAÇÕES SOBRE O POVO GUARANI NO OESTE DO PARANÁ

Segundo Oliveira (2014: 167-168):

Atualmente os Avá-Guarani , somam uma população de mais de 2.000 índios aldeados, organizados em 550 núcleos familiares, reunidos nas três pequenas Terras Indígenas demarcadas e mais de 16 aldeamentos que aguardam a finalização do processo de regularização fundiária.

No mesmo artigo referido acima, Oliveira (2014), é citada uma Carta das Lideranças Guaranis do Oeste do Paraná, escrita em Diamante d'Oeste, no dia 28 de Junho de 2013, neste documento há o seguinte trecho:

Hoje somos mais de 3.000 índios Avá Guarani no Oeste do Paraná, vivendo a maioria em áreas não regularizadas e sofrendo violências semelhantes ou até piores do que as ocorridas no período colonial [...] (ibidem: 170)

No site do ISA podemos encontrar informações sobre a demografia das três Reservas Indígenas localizadas na região oeste do Paraná, a Reserva Indígena Tekoha Añetete (Diamante d'Oeste) consiste em uma população de 414 pessoas, na Reserva Indígena Santa Rosa do Ocoy há 676 habitantes, e na Reserva Indígena Tekohá Itamarã

são 148 pessoas, visto que, desta última foi Teodoro (liderança na aldeia) que me passou a informação. Sendo assim, podemos afirmar que nesta região há mais de 1.760 indígenas vivendo em aldeias e reivindicando a demarcação territorial.

Na cidade de Guaíra-PR, as famílias Guaranis vivem em aldeias em condição de acampamento, pois a terra ainda não foi demarcada, fato que gera os conflitos com os não índios, como assassinatos, alcoolismo, brigas internas nas aldeias e suicídios de pessoas jovens. As crianças são as que mais sofrem, pois lidam com o preconceito por parte de outras crianças não indígenas quando estão na escola, muitas até desistem por não suportarem a violência que são submetidas diariamente em função da intolerância étnica e racial. Como aponta Guanaes (2015).

Nas aldeias em situação de acampamento as condições são ainda mais precárias, são problemas que vão desde a falta de alimentos, saneamento, energia e espaço físico para as necessidades mais fundamentais, como o roçado por família, a escola e a casa de reza; até a falta de documentação, como identidade e CPF, obrigatórios para acessar benefícios sociais do governo, para instalação de água e energia, deslocamentos através de transporte público, abertura de conta bancária, etc. Aproximadamente 17 aldeias, cerca de 340 a 400 famílias, estão nessa situação, destas, 15 encontram-se nas cidades de Guaíra e Terra Roxa, fronteira com Mato Grosso do Sul, e 2 em Santa Helena e Itaipulândia, mais próximas das áreas assentadas pela Itaipu e da área do Parque Nacional. (Guanaes 2015: 11)

Por mais que existam leis federais e internacionais<sup>1</sup>, que garantem a demarcação das terras que os povos indígenas ocupam desde muito antes da invasão ibérica, como o artigo 231 da Constituição Federal, a Lei nº 6.001 do Estatuto do Índio e a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas, documentos estes que reconhecem o direito à demarcação legal das terras indígenas, as pessoas pertencentes ao povo Guarani no oeste do Paraná não foram ressarcidas com a demarcação de parte do seu território de ocupação imemorial, visto que uma das maiores hidrelétricas do mundo, a Itaipu Binacional, foi construída sobre o seu território, afetando diretamente e indiretamente as suas terras<sup>2</sup>.

### 1.3 PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS

Os Guarani são povos transfronteiriços, ou melhor, as fronteiras dos estados nacionais não faz parte de sua concepção de mundo.

---

<sup>1</sup> Ver : “Os Direitos dos Povos Indígenas no Brasil: desafios no século XXI”. Orgs. SOUZA FILHO, C. F. Marés e BERGOLD R. Cezar. Curitiba: Letra da Lei, 2013.

<sup>2</sup> O impacto da construção da UHE Itaipu Binacional pode ser melhor consultado em CARVALHO, 2013.

Os Guarani (Mbya, Kaiowa, Nhandeva) conseguiram manter a configuração de um vasto território - que compreende áreas localizadas no Brasil, Uruguai, Argentina e Paraguai - através de inúmeras aldeias aí espalhadas. Entretanto, se não ocupam seu território de forma contígua, este fato deve-se à expansão das sociedades nacionais, e não à perda da relação que mantêm com as terras invadidas. Muito ao contrário, os Guarani conservam uma relação simbólica e prática com o "mundo original". Conscientes da falta de opções, insistem em preservar as pequenas áreas onde foram confinados, e que estão longe de conter os recursos ambientais necessários ao seu bem-estar e à sua reprodução física e cultural. (LADEIRA, 2000: 784)

No decorrer da escrita desta monografia utilizo com frequência o termo "povo Guarani": *"aqui tomamos a palavra povo como um 'conjunto de pessoas que tem uma origem étnica comum', que foram se diferenciando entre si no decorrer da história"*(MELIÁ *et al*, 2008)<sup>3</sup>. Tanto o termo "povo", "grupo", "comunidade" ou "etnia" é correto para se referir aos agrupamentos de pessoas que se auto declaram enquanto um grupo étnico.

E sobre os nomes que os Guaranis são conhecidos na literatura e por outras etnias: *Os Guarani são conhecidos por distintos nomes: Chiripá, Kaingá, Montses, Baticola, Apyteré, Tembkuá, e outros. Porém, a denominação com que se designam a si mesmos é Avá, que significa, em guarani, 'pessoa'.* (MELIÁ *et al*, 2008)

Do povo Guarani se ramificam os subgrupos Avá, Mbya, Kaiowa. Quando perguntei para o Sr. Honório (rezador da Reserva Indígena Itamarã) sobre a diferença entre os subgrupos, ele disse que a distinção está na forma como praticam a cultura, por exemplo, como falam a língua e como "cultuam" Ñanderu, os cantos, as danças, o formato da casa de reza, as semelhanças e diferenças entre estes elementos distinguem quem são os Avá, os Mbya, os Kaiowa. As aldeias que frequentei são de maioria do subgrupo Avá e de minoria Mbya. Por haver dois sub-grupos convivendo juntos e interagindo, emprego no texto com mais frequência o etnônimo Guarani.

Em conversa com uma liderança da aldeia Y'Hovy em Guaíra-PR, fui informado que a estrutura da casa de reza dos Avá e dos Mbya é diferente, a primeira é aberta e a segunda totalmente fechada, outro elemento de diferenciação é o *pytenguá* (cachimbo), a mesma pessoa que me informou sobre as diferenças da casa de reza me disse que antes dos Avá e os Mbya viverem juntos, os Avá não fumavam cachimbo, somente os Mbya. São

---

<sup>3</sup> Um estudo elaborado por renomados guaraniólogos, como Bartomeu Melià, Antônio Brant e outras(os), para expor informações históricas e etnológicas sobre os Guaranis é a publicação: "Guarani Retã. Povos Guarani na Fronteira Argentina, Brasil e Paraguai".

informações interessantes, mas que não são o tema desse trabalho, por isso não foram aprofundadas enquanto estava na aldeia.

#### 1.4- PRIMEIRO PASSO. O CONTATO COM AS COMUNIDADES GUARANIS NO OESTE DO PARANÁ

No ano de 2011, ao ingressar na UNILA, tomei conhecimento sobre os desastres e impactos ambientais e sociais causados pela construção da Itaipu Binacional, e a dívida que a empresa mantém com o povo Guarani que habitam as margens, tanto direita quanto esquerda, do Rio Paraná, que utilizado para gerar energia hidrelétrica em um projeto desenvolvido no governo militar do Brasil e do Paraguai.

No mesmo ano (2011), em uma reunião do MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), ocorrido na cidade de Foz do Iguaçu, uma colega e um colega conheceu duas lideranças, de duas aldeias distintas, localizadas na região oeste do Paraná, uma de Guaíra e a outra de Santa Helena, onde relataram os problemas que o povo Guarani enfrentam nas aldeias, resultado da construção do lago da UHE Itaipu<sup>4</sup>, que alagou uma imensa parte do território Guarani.

A partir dessa reunião do MAB, inicia-se os primeiros contatos entre pessoas do povo Guarani do oeste do Paraná com estudantes da UNILA<sup>5</sup> interessados nessa problemática.

Recordo-me da primeira experiência em uma aldeia em condição de acampamento (em Santa Helena), foi impactante, pois não havia lido nada sobre a atual situação territorial e econômica do povo Guarani, partindo da minha perspectiva totalmente ocidental e despreparada por falta de conhecimento sobre o Outro, fato normal para um iniciante nos estudos da Antropologia que na época tinha dezenove anos de idade.

Presenciei grupos familiares vivendo em condições precárias, pois não havia água encanada, saneamento básico e energia elétrica, as casas eram de madeira e lona de plástico, a alimentação era escassa, as crianças tomavam banho na água fria, mesmo em dias frios.

---

4 Usina que alagou o território Guarani e ainda recebeu um nome cujo as palavras são do idioma Guarani. Uma tradução literal para a palavra “itaipu” seria algo como; “pedra que canta”, visto que a usina foi construída em cima de uma enorme pedra que os engenheiros não foram capazes de destruir com suas dinamites, esta pedra é um local “sagrado” para os xamãs, onde iam para se “conectarem” com Ñanderu.

5 Agradeço aqui à Maira Terra e ao Abner Ribeiro, que foram estudantes de Antropologia na UNILA, por ter “puxado esta fila”, foi Maira que me incentivou a ir pela primeira vez em uma aldeia Guarani. A visita foi em 2011 em uma aldeia no município de Santa Helena.

A visita durou poucas horas, cerca de quatro ou cinco horas de um domingo frio de agosto, estavam eu, Maira, Guilherme e Samuel, estudantes do curso de Antropologia, exceto o último, que era do curso de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar. O contato, mesmo de poucas horas, foi suficiente para me interessar em conhecer mais a fundo a história que gerou a espoliação do povo Guarani no oeste do Paraná.

Algumas coisas me chamaram a atenção, como por exemplo o Sr. Pedro, que era liderança da aldeia naquela época, ele estava sempre com a constituição de baixo dos braços, e falava que lá no papel os direitos estavam garantidos, e queria saber qual o motivo que na prática, a lei que foi criada pelo próprio branco, não estava sendo exercida.

Logo, desde o início, a minha intenção é buscar entender, compreender e relatar um problema histórico, social, econômico, político e cultural, que a base para o entendimento foram relatos das próprias pessoas que vivem os problemas em seu cotidiano com uma tentativa de articulação com a teoria antropológica.

## 1.5 – A ESTRUTURA DA MONOGRAFIA

O trabalho de conclusão do curso está estruturado em três capítulos: no primeiro, parto de um panorama histórico sobre a espoliação do território Guarani, dou ênfase ao processo já evidenciado através dos(as) seguintes autores(as); PACKER (2013), RIBEIRO (2005), OLIVEIRA (2014), ALBERNAZ (2009), MAZZAROLLO (2003[1980]), CARVALHO (2003), LADEIRA (2000).

No segundo capítulo pretendo ressaltar as condições materiais e simbólicas atuais nas aldeias, para isto utilizo as informações que coletei diretamente com as pessoas em campo, relatos jornalísticos, informações de redes sociais, relatos de visitas técnicas do MPF nas aldeias entre outras fontes.

Por fim, terceiro capítulo, a partir da questão da retomada de parte do território de onde foram expulsos em um passado recente, torno evidente o papel das lideranças e elementos da cosmopolítica Guarani. Dou enfoque ao árduo papel das lideranças neste difícil processo, pretendo utilizar da etnologia para fazer uma relação com algumas características que são coincidentes na função das lideranças indígenas para com a sociedade, indígena e não indígena.

## 1.6- O METODO

Segundo Calavia (2013:51), o “[...] método é um vetor ético da pesquisa, um conjunto de princípios que, como todos os outros princípios, são mais fáceis de formular que de seguir”.

Pretendo seguir a proposta de Viveiros de Castro (2002: 123-124), de experimentar o pensamento das pessoas com as quais trabalhamos, o meio para este fim é a relação entre antropólogo e interlocutor, o autor utiliza do conceito de “objetividade relativa” de Roy Wagner (2010[1975]:28-46), que propõe a quebra da hierarquia entre pesquisador e pesquisados, visto que o antropólogo, assim como o “nativo”, também está imerso em uma rede de símbolos, regras e costumes, pois não há meios de se alienar da própria “cultura”. E assim como temos curiosidades sobre a cultura do Outro, este também tem interesses em saber sobre a “nossa” cultura.

A intensão de Viveiros de Castro é estabelecer uma relação com o ponto de vista do (a) interlocutor (a) “[...] meu ponto de vista não pode ser o do nativo, más o de minha relação com o ponto de vista do nativo ” (Ibidem: 123).

Como apontou Calavia (Idem), não é fácil seguir os princípios do método, acredito que para experimentar de fato o pensamento Avá-Guarani, devo ter um amplo conhecimento da língua, visto que, ainda não cheguei no ponto de experimentar o pensamento indígena, más estou tentando, e devo esta proeza aos interlocutores que tiveram a paciência de pensar, e falar, em português comigo, por isso fico em dividida com os Guaranis, e para próximas pesquisas o esforço para aprender o idioma guarani será triplicado.

## **CAPÍTULO 1 - UM BREVE PANORAMA DO PROCESSO HISTÓRICO DE ESPOLIAÇÃO DAS ALDEIAS.**

A história da espoliação territorial do povo Guarani, que estão localizados em aldeias e acampamentos espalhados pelas periferias e zonas rurais dos municípios da região Oeste do Paraná, já vem sendo registrada por diversos escritores (PACKER,2013. RIBEIRO,200. OLIVEIRA,2014. ALBERNAZ,2009. MAZZAROLLO, 2003[1980]. CARVALHO, 2013. LADEIRA, 2000. CARVALHO 1981). Com base nos autores citados acima, irei oferecer um panorama desta história para melhor situar o leitor, ou a leitora, sobre os motivos e a necessidade dos Guaranis atualmente estarem exigindo a demarcação de suas terras.

Fazendo uma síntese da bibliografia citada no parágrafo acima, torna-se evidente que o povo Guarani sempre habitou as terras, onde passou a ser, segundo a divisão político administrativa do estado do Paraná, a região oeste do Paraná. Desde a chegada dos portugueses e espanhóis, quanto com a criação dos Estados-nação e implementação das construções de grandes empreendimentos estatais, como atualmente com a expansão das cidades e das lavouras de monocultivo, o povo Guarani vem sofrendo um processo de espoliação de seu território de ocupação tradicional.

Antes de aprofundar na questão das expropriações das aldeias, passo sobre a noção de espaço e organização social dos Guaranis, elaboradas em estudos etnográficos. Gostaria de ressaltar algumas noções elementares para uma compreensão da noção de espaço do povo Guarani, assim como fez Gallois (2004) sobre o povo Zo'é.

(...) a noção Zo'é de –koha traz elementos importantes para sua compreensão de território, embora não corresponda a uma tradução deste conceito. –Koha possui uma abrangência mais ampla, no sentido de “modo de vida”, “bem viver” ou “ qualidade de vida”, o que significa que as condições ambientais, ecológicas e materiais são componentes obrigatórios na definição. (GALLOIS,2004: 38)

Uma noção Guarani chave para esta exposição é a noção de “tekohá”, e utilizo como referência Pereira (2004) e Mura (2006), pois estes autores realizaram um amplo levantamento bibliográfico sobre o conceito e foram além, fazendo suas contribuições para uma melhor compreensão da tradução da palavra. Ambos pesquisaram os Kaiowá-Guarani, no Mato Grosso do Sul.

Para Pereira (2004:116), “[...] a formação de um tekohá implica a reunião entre várias parentelas - te'yi - aliadas ou aparentadas”. O autor oferece uma explicação partindo também da etimologia da palavra:

Etimologicamente, a palavra é composta pela função de teko – sistema de valores éticos e morais que orientam a conduta social, ou seja, tudo que se refere a natureza, condição, temperamento e caráter do ser e proceder kaiowá – e ha, que, como sufixo nominador, indica a ação que se realiza. Assim, tekohá, numa acepção mais dura, pode ser entendido como lugar (território) onde uma comunidade kaiowá (grupo social composto por diversas parentelas) vive de acordo com sua organização social e seu sistema cultural). (Pereira, 2004: 116)

No entanto, Pereira (2004) faz uma crítica a definição anterior, e propõe conceber o tekohá como uma rede de relações entre as parentelas:

[...] proponho demonstrar que o tekohá pode ser mais bem descrito como uma rede de relações político-religiosas, comportando grande dinamismo

em termos do número e da forma de articulação das parentelas que entram na sua composição, tendo a assumir uma configuração flexível e variada em termos populacionais. (idem)

Pereira (ibdem: 121) reforça a proposta de “[...]pensar o tekohá como relação e não como unidade social radicada em um território[...], desta forma, o tekohá não pode ser visto apenas como sinônimo de aldeia.

Mura (2006:116-118), também define o tekohá como um conjunto de relações sociais estabelecidas entre várias “te'yi”(família extensa), assim, só e possível existir tekohá se existir um conjunto de aldeias se relacionando, foi após a demanda por terras que esta noção passou a ser utilizada como sinônimo de aldeia.

Em Albernaz (2009), encontramos o conceito Avá-Guarani “tekohá Ymã”, a autora traduz para o português como “território tradicional”, para se referir ao espaço imemorial onde estas aldeias se localizavam.

Toda região próxima à tríplice fronteira (oeste do Paraná até Guaíra e parte do Paraguai e da Argentina próxima à fronteira com o Brasil, em Foz do Iguaçu) é considerada pelos Avá-Guarani de Oco'y como sua região tradicional, ou seu Tekohá Ymã, território tradicional. Esta noção está em consonância com a presença de parentes por áreas indígenas desta região, já que consideram que por ali vivem e se relacionam entre aldeias há tempos imemoriais. Entretanto, eles também viveram, especialmente no século XX, pressões da sociedade envolvente que fizeram com que (como eles dizem correntemente) “ se esparramassem” pela região e assim tenham relações de parentesco também “esparramadas”. Albernaz (2009: 65)

Pimentel (2012:110-111), também faz contribuição para uma melhor concepção da espacialidade Guarani, o autor torna evidente a noção de “Yvy Rupa”. Nas palavras do autor (Ibidem: 109-110), é o “[...] termo que vem sendo usado pelos Guaranis para defender-se do amplo movimento político contrário às demarcações de terra [...].

Pimentel (2012: 110) afirma que: “Desde 2006, os Guarani do Sul e Sudeste do Brasil organizam a Comissão Nacional de Terras Guarani Yvy Rupa”.

Esse termo, polissêmico, pode ser traduzido literalmente como 'suporte(ou plataforma) terrestre', e abrange toda a extensão do território onde os Guarani estabelecem ou consideram possível estabelecer suas aldeias e assentamentos. (...)Todo esse território é percebido, concebido e vivido pelos Guarani como um espaço único, essa plataforma terrestre onde os Guarani estabelecem suas aldeias, e que é compartilhado com os diversos outros povos e pessoas que habitam esse território, entrecortado atualmente por um sem número de estradas, cidades, fazendas, empreendimentos, países, em suma, com a sociedade nacional. (Pimentel et al, 2010: 33-6, *apud* Pimentel, 2012: 110-111)

Depois de oferecer esta rápida noção, pretendo expor um breve panorama do processo histórico espoliação das aldeias Guarani no oeste do Paraná (período de 1940 a 1980), através do estudo da bibliografia e de alguns relatos pessoais dos guaranis eu percebo que no início do século passado se inicia a exploração.

Sobre o processo de espoliação<sup>6</sup> das aldeias no oeste do Paraná; considero três momentos onde houve grandes impactos sobre as terras do povo Guarani, o primeiro é com a formação da Colônia Militar do Iguaçu (MYSKIW, 2009), e da formação do distrito de Guaíra pela Cia. Mate Laranjeira (OLIVEIRA, 2014). O segundo momento que está marcado pela remoção das aldeias Guaranis que existiam no Parque Nacional do Iguaçu e pelo impacto da UHE Itaipu Binacional, (período que vai de 1940 a 1980) (CARVALHO, 2013). E o terceiro, que se inicia em torno de 1980 e perpassa até os dias atuais, cenário onde podemos ver na paisagem a expansão das cidades e o avanço do agronegócio, como os grandes monocultivos da soja e do milho transgênicos, que podemos visualizar na beira das rodovias entre os municípios da região Oeste do Paraná.

Uma das hipóteses do início da colonização do oeste do Paraná, é a necessidade estratégica dos militares em vigiar e povoar as fronteiras (MYSKIW, 2009: 94-182). Entre o final do século XIX e início do XX, inicia as concessões de terras para companhias colonizadoras. Instituições do Estado – como INCRA e SPI, por exemplo – se encarregavam de “limpar o território”, ou seja, remover os índios de qualquer maneira, para conceder as terras para empresas produtoras de erva-mate, extratoras de madeira e para os fazendeiros praticantes do mono cultivo. (CARVALHO, 2013. OLIVEIRA, 2014. ALBERNAZ, 2009. PACKER, 2013).

CARVALHO (2013:311) relata, com base em dados cartográficos e etnográficos, a existência de 32 aldeias que se localizavam na (e próxima a) área que passou a ser o Parque Nacional do Iguaçu, e os municípios de Foz do Iguaçu e região. Dentre elas: a Aldeia Guarani e Aldeia São João Velho, que se localizava onde passou a ser o Parque Nacional do Iguaçu. A aldeia Gleba Guarani, por volta de onde é hoje o bairro Três Lagoas em Foz do Iguaçu, e o Tekohá Oco'y Jacutinga, que estava próxima aos municípios de Foz do Iguaçu e São Miguel do Iguaçu, entre os rios Oco'y e Jacutinga.

Em Carvalho (2013), há uma transcrição da fala de uma mulher, Dona Narcisa (já falecida), que durante sua vida circulou por estas aldeias, na transcrição, percebe-se de forma latente o processo de espoliação dos Avá-Guarani.

---

<sup>6</sup> Espoliar é tomar algo de alguém de forma violenta.

Nasci no Oco'y-Jacutinga em 1924. Fui mora na Aldeia Guarani em 1934. Marava umas 50 famílias na Aldeia Guarani perto do Rio Iguacu, lá onde hoje é o Parque Nacional do Iguacu. (...) guerra com os índios para tira os Guarani da terra: Eu vi, eu vi, mataram tudo! Jogavam os índios nas Catarata, abriam a barriga com o facão e jogava depois nas Catarata (...) era pra o corpo não boia, pra afunda! (...) Em 1944 fui mora na aldeia São João perto do Rio São João Velho. (...) Eu morei lá de 1944 a 1962. Depois tivemos que sai de lá, os brancos expulsou os Avá-Guarani. (...) Em 1962 fui mora na aldeia Colônia Guarani. Os brancos do INCRA expulsou os Guarani dali também. (...) Em 1981 voltei a mora no Oco'y-Jacutinga. Quando inundaram o Oco'y-Jacutinga vim mora aqui na aldeia do Ocoy, isso foi no ano de 1982. (CARVALHO, 2013: 329-330) (*Grifo meu*)

Observa-se na transcrição acima, os diferentes trajetos percorridos por Dona Narcisa. Saindo da aldeia Oco'y-Jacutinga, ela percorreu outras aldeias como a aldeia São João Velho, de onde foram expulsos. Então, ela foi para a aldeia Colônia Guarani, onde foram expulsos novamente devido à decisão do INCRA em assentar os colonos que estavam dentro do Parque Nacional do Iguacu. Assim ela partiu para a última aldeia do povo Guarani que ainda restava pelo pelas redondezas, pelo motivo de ser mais afastada das áreas de interesse do município de Foz do Iguacu, era o Tekohá Oco'y-Jacutinga, mas foi atingida pelo lago da Itaipu Binacional em 1982 e novamente tiveram que deixar outra aldeia. Fica claro a presença indígena na região de Foz do Iguacu e as tentativas, muitas vezes pelo próprio Estado brasileiro através de suas instituições, de exterminar a presença indígena na região.

Carvalho (2013: 328-340) explica detalhadamente como se deu o esbulho nas aldeias; Guarani, São João Velho, Colônia Guarani e Oco'y Jacutinga. O recorte histórico da autora vai de 1940 a 1980. Na exposição dos fatos, através dos documentos consultados pela pesquisadora, fica clara a ação de instituições do Estado envolvida no processo de esbulho. Sendo assim, o Estado brasileiro obtém uma dívida histórica com o povo Guarani. Nos documentos apresentados na tese, fica visível o descaso do INCRA, SPI (e posteriormente a FUNAI), entre outras para com o povo indígena Guarani.

O período ditatorial foi devastador para os Guaranis no oeste do Paraná. Devido ao ideal progressista do regime, foi criada a gigantesca usina hidroelétrica Itaipu Binacional, e com a formação do lago centenas de famílias pertencentes ao povo Guarani foram desterradas devido ao alagamento de suas aldeias, tanto no lado brasileiro, quanto no lado paraguaio.

No site da usina, se dá a falsa impressão de que as aldeias alagadas foram indenizadas, que foi comprado três propriedades em área rural que e regularizadas pela FUNAI, mas conforme Packer (2013) e Carvalho (2013), as três pequenas Terras Indígenas não foi o suficiente para indenizar o estrago ocorrido no passado. Devido a insuficiência da

“indenização” pelo impacto da construção da usina, as famílias Guaranis continuam reivindicando a demarcação territorial, onde se possa viver de forma semelhante a que praticavam quando circulavam com tranquilidade pelo tekohá ymã.

Para Packer (2013:05) há melhor fonte de informação para conhecer o passado desta história, o local onde localizava as aldeias e como os Guaranis viviam antes de terem seu território esbulhado é a através das pessoas mais velhas que presenciaram boa parte desta história drástica para os indígenas.

(...) a memória dos Guaranis, dos xamoi kuery (anciãos) e xaryi kuery (anciãs) que vivem ali e que ainda se lembram das violências sofridas e têm clara consciência do prejuízo que elas trouxeram ao seu modo de vida e do sofrimento que trouxeram a si e aos seus familiares

No relatório produzido pelo CTI (Packer, 2013: 38), há uma tabela sobre os tekohás esbulhados no oeste do Paraná, totalizando 59 aldeias.

nº	Tekoha	Município atual	nº	Tekoha	Município atual
1	Campina	Toledo	31	Mocoi Tadjy	Santa Teresinha
2	Britador	Toledo	32	Arroyo Leon	Santa Teresinha de Itaipu
3	Memória	Corbélia	33	Kapy'i Vary	Guaira
4	M'Boi-Picua	Cascavel	34	Passo Itá	Guaira
5	Lope'i	Toledo	35	Apepu	Guaira
6	Barro Preto	Toledo	36	Tekoha Ague 1	Guaira
7	Rio Branco	Marechal Rondon	37	Cachimbeiro	Guaira
8	Yvyrá-Peteci	Campo Mourão	38	Arroyo Guasú	Guaira
9	Rio Tapera	Laranjeiras do Sul	39	Y Ja'o Guasu	Ilha Grande
10	São João Velho	Foz do Iguaçu	40	Macário	Terra Roxa
11	Guarani	Foz do Iguaçu	41	Opy Curu	Terra Roxa
12	Colônia Guarani	Foz do Iguaçu	42	Antolin Varga 1	Altônia
13	Camba'i	Porto Britânia	43	Antolin Varga 2	Altônia
14	Guavirá	Foz do Iguaçu	44	Tatarendy	Ilha Grande
15	Passo -Kuê	São Miguel do Iguaçu	45	Yvype	Terra Roxa
16	Takuá Pindaí	Foz do Iguaçu	46	Y Ja'o Guasu	Altônia
17	Mborevy	Santa Teresinha de Itaipu	47	Yrary Poty	Terra Roxa
18	Oco'y - Jacutinga	Foz do Iguaçu	48	Yvy Porã	Altônia
19	M'Boicy	Foz do Iguaçu	49	Kirino	Altônia
20	Vitorace	Santa Teresinha de Itaipu	50	Tekoha Ague 2	Altônia
21	Quatro Pontes	Marechal Rondon/Toledo	51	Tekoha Ague 3	Terra Roxa
22	Paraje	Toledo	52	La Rosa	Altônia
23	Sanga-Funda	São Miguel do Iguaçu	53	Y Joyvy	Terra Roxa
24	Ipiranga	Foz do Iguaçu	54	Tekoha Ague 4	Altônia
25	Tatu-Jupi	Céu Azul	55	Tapera	Terra Roxa
26	Pakova	Corbélia	56	Tekoha Ague 5	Terra Roxa
27	Dois Irmãos	Santa Helena	57	Pacu	Guaira
28	Santa Rosa	Santa Helena	58	Arroyo do Bugre	Guaira
29	Jabuticaba	Toledo	59	Capivari	Terra Roxa
30	Yva-Kareta	Espigão-Alto			

Tabela que mostra 59 aldeias que foram esbulhadas no oeste do Paraná. Packer, 2013: 38

Podemos encontrar em Packer (2013:36-37), mapas onde se localiza os tekohás que não existem mais, devido ao processo de esbulho, e também as aldeias que existem atualmente. Para registrar a história do processo de espoliação sofrido pelo povo Guarani, os pesquisadores do CTI foram até às aldeias ouvir e gravar as histórias contadas pelas pessoas mais velhas que vivenciaram diretamente esses processos.





PR e Guaira-PR, quem ficou com as terras foi a Companhia Mate Laranjeiras, assim como a Companhia Madeireira Alto Paraná (MARIPA), que também teve a sua fatia no momento da repartição, pois o que houve nos oeste do Paraná foi basicamente este processo quando os ideias políticos do Estado nacional se voltaram ao desenvolvimento progressista, cujo o único fim, independente dos meios, é o capital e o lucro.

Da mesma forma, verifica-se nesse documento que as terras na região do município de Santa Helena, foram cedidas à Fundação Paranaense de Colonização e Imigração e, posteriormente, a Meyer, Annes & Cia Ltda e, em seguida, à Companhia Paranaense de Colonização, sua sucessora. A Companhia de Madeiras Alto Paraná (MARIPA), por sua vez, obteve concessões de amplas fatias do território em Toledo, Marechal Cândido Rondon, Cascavel, Palotina e Terra Roxa do Oeste. Em Terra Roxa e em Guaíra, conforme já se indicou acima, as concessões foram feitas à Companhia Mate Laranjeira e as terras às margens do rio Piquiri, primeiramente à Fundação Paranaense de Colonização e Imigração e, posteriormente, à Sociedade Imobiliária Noroeste do Paraná (SINOP) [...] Packer, 2013:55.

Carvalho (2013: 345-444) torna evidente o que ocorreu, com base nos documentos da FUNAI, INCRA, UHE Itaipu Binacional e outras instituições, com uma das aldeias que ficou submergida sob o lago da hidrelétrica Itaipu, é interessante perceber a maneira que as instituições referidas lidavam com as famílias do grupo Guarani que habitavam a aldeia.

Durante o trabalho de campo que realizei em Guaíra, escutei duas histórias sobre como era no período em que a empresa Mate Laranjeira Ltda. Em uma conversa com Damião da Costa, na aldeia Y'hovy, fiquei sabendo um pouco mais sobre o período em que os Guaranis foram espoliados de suas terras, local onde hoje é a cidade de Guaíra, no início da conversa expliquei para ele que gostaria de gravar para depois escrever sobre a verdadeira história do povo Guarani, disse a ele que seria importante registrar estes fatos, e então ele me permitiu fazer a gravação em áudio.

O Sr. Damião nasceu em Guaíra, seus pais trabalharam para a Cia. Mate Laranjeiras, na época ele tinha 8 anos de idade, hoje ele tem 73, ele fala pouco o português, más falou que: *“naquele tempo era fudido, trabaia um meis dois meis e patrão matava, mata tudo, fudido, naquele tempo ...trabaio na erva e depois quase mato meu pai, deixo roupa tudo...tem que corre qualquer lado... passo pro Paraguai. Me esqueci de perguntar para ele quando ele voltou pra Guaíra, eles devem ter fugido por volta de 1939 para o Paraguai, se ele foi com 8 anos. Mas o importante é perceber o movimento que houve quando os Guaranis se deslocaram, por volta da década de 1940 a 1950, por motivos de sobrevivência. Depois ele começou a falar dos animais que eles caçavam no passado e*

hoje não tem mais, sempre usando a expressão “naquele tempo”; *“naquele tempo tinha muito bicho, anta, tatu, agora não tem nada, acabo...”*

Por mais que houve uma tentativa de esbulho sobre as aldeias por parte do Estado brasileiro e paraguaio, os Guaranis que vivem nas margens do Rio Paraná e Iguazu nunca deixaram de lutar para permanecerem vivendo próximo às aldeias que foram espoliadas,

Encontramos em Mura (ibidem: 122) a explicação do motivo pelo qual os Guaranis não aceitam qualquer proposta como solução para o problema da demarcação territorial, o autor se refere ao caso dos Kaiowá, no Mato Grosso do Sul, mas posso inferir que o caso é válido para os Avá Guarani no oeste do Paraná, pois o período histórico de expropriação dos aldeamentos da região sul do Mato Grosso do Sul e oeste do Paraná foram praticamente o mesmo para vários grupos indígenas.

Como foi possível observar nos casos dos te'yi de Jaguapire, Jatayvary e Ñande Ru Marangatu, os índios procuraram se manter o mais próximo possível dos lugares onde residiam seus antepassados, deslocando-se circularmente em torno desses locais cada vez que eram expulsos ou importunados, chegando ao ponto, nos três casos, de reivindicar esses espaços, organizando-se politicamente para tal propósito. Circulando em torno dos lugares dos quais, por alguma razão foram afastados, os índios podem dar continuidade à manutenção do equilíbrio cósmico, embora muitas vezes de modo fragmentário, reduzindo as próprias atividades a algumas manifestações simbólicas, que permitem minimamente a relação citônica com a terra (yvy). Mura, (2004:122)

## **CAPITULO 2 – VIDAS EM RISCO. A CONDIÇÃO DE SOBREVIVÊNCIA NAS ALDEIAS LOCALIZADAS NA CIDADE DE GUAÍRA-PR E OS CONFLITOS COM A SOCIEDADE CIVIL.**

Durante o período de um ano e seis meses que participei do projeto de iniciação científica, entrei em contato com várias aldeias localizadas no oeste do Paraná, conheci também algumas a leste do departamento Del Alto Paraná, no Paraguai. Ficarei em dívida com as aldeias pertencentes ao povo Guarani que estão localizados no Paraguai, mas ressalto que a situação das famílias Guarani que estão no Paraguai é tão complexa e precária quanto a dos que estão no Brasil, os problemas são os mesmos e sempre perpassam pela espoliação territorial e cultural, a expansão do agronegócio sobre as poucas parcelas de terras que as famílias ocupam, e a fraca ação de instituições governamentais para tentar sanar os problemas das famílias indígenas.

No oeste do Paraná, somente em Guaíra e Terra Roxa, há atualmente 13 aldeias que reivindicam pela demarcação de terra, havendo também outras aldeias nos municípios de Santa Helena, Itaipulândia, São Miguel do Iguazu, Diamante d'Oeste, entre estas,

apenas três são Terra Indígena demarcadas e regularizadas, havendo duas próximas ao município de Diamante d'Oeste e uma em São Miguel do Iguaçu, ambas que fazem parte da "indenização" por causa do alagamento do Tekoha Oco'y Jacutinga, devido a construção da hidrelétrica Itaipu Binacional.

Tivemos a oportunidade de visitar seis das várias aldeias que estão reivindicando demarcação de terra na região oeste do Paraná, duas em Guaíra, uma em Terra Roxa, uma em Santa Helena, outra que estava localizada na periferia do Parque Nacional do Iguaçu, cerca de 200 metros para dentro da área do PNI e uma que foi apenas uma breve visita na aldeia que está localizada em uma antiga base náutica próxima ao município de Itaipulândia.

Ambas compartilham de elementos comuns como; a organização social, a estrutura das casas - que são precárias devido à falta de material propício para construção -, direitos básicos como comida, água, energia elétrica, saneamento básico, também são escassos, pois a área que estão vivendo na resistência geralmente é extremamente pequena, comparando-se a uma área de confinamento.

Hoje podemos perceber os efeitos sociais da "expansão para a oeste", quando por volta dos anos 1940 e 1950, período que o plano de desenvolvimento para o Brasil se baseava, além do crescimento e desenvolvimento econômico, em ocupar as áreas "inabitadas" do território brasileiro, vazio demográfico este que só existia na cabeça dos não indígenas.

As famílias pertencentes ao povo Guarani, devido falta da demarcação de território suficiente para a sobrevivência física e cultural adequada aos seus padrões, estão em situações de risco de vida, tanto por ameaças vindas de fora da aldeia, quanto por falta de condições dignas de sobrevivência. Pois, quando o território é demarcado, existe inúmeras possibilidades para as famílias viverem da terra, se torna mais fácil conseguir melhorias básicas, como saneamento básico, acesso à energia elétrica e água encanada, outro ponto são projetos conseguidos via instituições governamentais e não governamentais etc.

Em todas as aldeias há muitas crianças e adolescentes, fato que torna a situação mais complicada. Muitas delas se encontra nos fundos das fazendas, as crianças tem que andar uma longa distância a pé para conseguir pegar o transporte escolar que passa em áreas rurais, pois o ônibus não chega até às aldeias, conversei com algumas crianças guaranis que estudam em escolas municipais e estaduais do município de Guaíra, ele(a)s me disseram que as outras crianças que não são indígenas não gostam deles(as), a ponto de gerar agressões físicas e simbólicas nos espaços de sociabilidade dentro da escola.

Guanaes (2015: 05) aborda o “cerco articulado” sobre a população indígena que vive no (ou próximo) ao município de Guaíra-PR. São violações que ferem os direitos humano da pessoa.

Recentemente, faixas e adesivos contendo frases como: “Invasão Indígena não Combina com Ordem e Progresso” circularam nas ruas de Guaíra, município paranaense vizinho ao estado do Mato Grosso do Sul, famoso pelos conflitos violentos que culminaram no assassinato de vários indígenas nos últimos anos. Ações como, palestras nas escolas, reuniões nas câmeras dos vereadores e nas associações de bairro, sites e páginas nas redes sociais, matérias pagas em jornais de grande circulação, entre outras, têm sido promovidas pelos latifundiários e autoridades locais para pressionar a população a hostilizar os povos indígenas. A ideia é que os maus tratos e a negação de alguns serviços básicos ajudariam a expulsar os indígenas da cidade.

## **2.1-Conflitos, violência, racismo e a negação do Outro**

No mês de novembro de 2014 houve um conflito acirrado entre os não indígenas e os Guaranis que vivem na aldeia Tekohá Y’hovy, na cidade de Guaíra. Cerca de três meses antes tinha visitado esta aldeia, havia ido como um estudante de antropologia que estava realizando uma pesquisa sobre como o povo Guarani havia perdido suas terras em um passado muito recente, e a contrapartida, a luta pela demarcação de terras como pagamento da dívida história do Estado brasileiro com os povos indígenas que tiveram suas terras usurpadas.

Nesta visita, fui convidado a conhecer um espaço de sociabilidade utilizado pelas pessoas da aldeia, na caminhada, percorremos uma pequena área que se localiza logo em frente a aldeia (basta atravessar a av. Martin Luter King, onde antigamente era um clube aquático, cujos proprietários eram um casal de japoneses, por ter ocorrido um fato muito trágico com a mulher, o casal decidiu ir embora da cidade de imediato, todavia deixando a área abandonada, logo por não pagarem os impostos, a área foi embargada pelo município). O terreno é utilizado pelos Guaranis com frequência, jogam futebol em um campo gramado que eles próprios fazem a manutenção, cortando a grama e mantendo as traves, nesta área há uma mata, a qual percorremos, durante o trajeto na mata os dois homens foram me ensinando o nome das plantas, raízes e cascas de arvores que eles utilizam para dor de cabeça, diarreia, febre, dores nas costas, daí extraem seus “remédios”, a impressão que eu tive era de estar em um outro tipo de “farmácia”.

Durante os dias que permaneci na aldeia, escutei muitas conversas sobre as tentativas de uma imobiliária de retirar os Guaranis do Tekohá Y’hovy, receberam propostas

de casas de alvenaria, mas pelo o que eu compreendi, os Guaranis repudiam viver como nós vivemos em nossos bairros, com as casas “coladas” umas nas outras, pois em volta da casa tem que haver um espaço o suficiente pra preparar uma roça de milho, mandioca e para criar os bichos, como galinhas e patos, gatos e cachorros, faz parte do “teko” (“cultura”) Guarani, de um modo de viver específico. Uma boa parte da pequena mata da aldeia Tekohá Y’hovy já foi desmatada pela imobiliária, que por sinal, já estão preparando os terrenos para a venda, e só para constar, é a mesma imobiliária que quer adquirir posse da área do antigo clube.

No entanto, os guaranis de Y’hovy encaminharam documentos para o IBAMA, FUNAI e MP, solicitando que fosse negado a permissão para a imobiliária desmatar a área, Más mesmo assim, a imobiliária cercou a área para que os Guaranis não pudessem ter acesso à mata e ao campo. Em novembro de 2014, os tratores, a mando da imobiliária, começaram a derrubar as arvores, foi por isso que houve o conflito, os Guaranis, que não viram outra saída, resolveram proteger a mata com seus os próprios corpos, alguns facões e uns pedaços de madeira, já que a polícia não iria fazer isso por eles.

Devo abrir um parêntese para citar a associação dos fazendeiros de Guaíra e região, a ONGDIP (Organização Nacional de Garantia ao Direito de Propriedade), tenho poucas informações e conhecimento sobre esta organização, más o nome já significa muito. O fato é que são contra a presença indígena no município, propagam o imaginário de um índio perverso, invasor de terras e causador da desordem, e também um atraso econômico, fazem um “cerco articulado”, contra o povo indígena, como explica Guanaes (2015)

Os grupos de latifundiários estão organizados em associações de agricultores que envolvem pequenos e médios produtores rurais, e estão diretamente associadas aos partidos políticos e à quase todas as esferas de poder a nível local: judiciário, executivo e legislativo, ampliando ainda mais o cerco articulado contra os indígenas e todos aqueles que não se subordinam à lógica da cadeia produtiva local, como ocorre também com os povos quilombolas, aumentando o cinturão do desmatamento, da desertificação dos solos, da expropriação e invasão de terras originárias garantidas legalmente pela Constituição Federal e o preconceito declarado e institucionalizado contra esses povos. (Guanaes,2015: 05)

No dia do conflito que mencionei, foi lançado um aviso na linha do tempo do facebook da associação, chamando as pessoas do município informando que mais uma propriedade privada havia sido “invadida” por índios.



**Foto 1:** O comunicado público da “invasão” de propriedade

Todas as imagens foram extraídas no dia 05-11-2014, na página do face book da ONGDIP.

Sobre as fotografias a seguir, chamo a atenção para uma reflexão sobre a violência simbólica gerada pelos comentários, é uma forma de concepção do que é “ser índio”, faço uma análise desta concepção através do imaginário de não-índigenas que coabitam em uma cidade que existe várias aldeias que reivindicam por demarcação de terra.

Percebe-se nos comentários, alguns elementos que induz uma noção de que para ser índio tem que ter o cabelo liso e não enrolado, não pode ser “moderno”, ou seja, ter um penteado da moda (assim como os dos jogadores de futebol) e utilizar um telefone celular para acessar o face book. E que o índio não é mais índio porque está virando branco. Um pensamento perverso sobre a identidade alheia, uma noção cruel do que é a cultura do Outro, é um emaranhado de concepções que alimenta o racismo e gera o estímulo para a violência física.





**Foto 4:**  
Índio de aba reta?



**Foto 5:**  
Índio coisa nenhuma

No mesmo dia do conflito postaram diversas fotos dos Guaranis que estavam protestando contra a derrubada da mata, muitas pessoas comentaram nas fotos em

seguida, o que mais impressionou foi o imaginário que as pessoas têm sobre o “índio”, pessoas que se dizem pertencentes ao povo indígena Guarani foram julgadas, se eram ou não “índio”, os que eram definidos como “índio”, eram considerados como “paraguaios” e “invasores”, termos usados com frequência pelos ruralistas em geral, e por parte da população da cidade de Guaíra, ao menos aqueles que seguem os meios de comunicação e que não raramente são manipulados pelos ruralistas.

Assim, havia vários comentários, todos questionando se as pessoas nas fotos eram ou não eram índios, se a pessoa estava de boné aba reta não era índio, se estava tirando alguma foto com celular não era índio, se tinha a cor da pele um pouco mais clara não era índio, e os comentários como; “paraguaios vagabundos” e “invasores de terra” eram frequentes. Na tese de doutorado de Carvalho (2013), e no artigo de Oliveira (2014) entre outros documentos, Packer (2013), constam as informações que comprovam que os Guarani não são invasores, desde muito antes da formação do estado nacional já habitavam a região das fronteiras entre Brasil, Argentina e Paraguai.

Cito um parágrafo de uma carta publicada na página do facebook de Kunha Yvoty, uma mulher Guarani que vive em uma aldeia em Guaíra, a carta chama a atenção para os casos dos suicídios que ocorreram recentemente e também os assassinatos, além de ressaltar o ódio gerado pela sociedade civil para com eles.

Pedimos ao MPF segurança para as nossas Tekohas, devido as ameaças que constantemente temos sofrido, pois de nada adiantaria tomar atitudes só depois que as coisas já aconteceram, temos que agir de modo a prevenir as ações criminosas dessas organizações que estão fomentando o ódio e a violência contra o nosso povo. Como, por exemplo, vem sendo feito pela ONGDIP, que vem trabalhando com discurso de que somos orquestrados pela FUNAI ou por órgãos estrangeiros e também fazendo os nossos vizinhos da cidade a se voltarem contra nós, com o discurso que vamos tomar Guaíra inteira para ser uma Terra indígena, apesar de que Guaíra é um grande território tradicional guarani, mas queremos ter um espaço físico e cultural próprio, não uma cidade.

O texto de Alcida Rita Ramos (1998), serve como uma ferramenta pra se pensar este grave problema da negação do Outro, esta violência simbólica, que parte de um imaginário de como dever ser o “índio”, negando tudo aquilo que não está dentro do padrão ideal, a autora utiliza um conceito de Baudrillard, formulado no livro *Simulacro e Simulações* (Baudrillard, 1981: 162 *apud* Ramos, 1998: 09); este autor escreve sobre uma realidade construída (hiper realidade), mas ele trata de uma realidade virtual, construída por uma cultura de massa, já Ramos (1998), utiliza deste conceito para refletir sobre a “simulação do índio de verdade”, o índio “burocratizável”, (RAMOS, 1998: 07).

Utilizamos a oposição dos conceitos de índio “hiper-real” e índio de “carne e osso” de Ramos (1998), o primeiro é aquele índio que paira pelo imaginário das pessoas não-indígenas, o segundo, sobre aquele(a) indígena que está lutando pela demarcação da terra para garantir o futuro seguro para as crianças que vive na aldeia e também poder vivem de acordo com seu próprio modo de ser.

Podemos perceber nos comentários das fotos acima um índio “hiper real”, ou seja, as pessoas estavam produzindo um índio idealizado, negaram o índio de “carne e osso” que estava lutando pra salvar uma pedaço de mata, só é índio aquele “bom selvagem”, que anda pelado no meio da mata e vive da caça e da pesca, que só existe na imaginação das pessoas não-indígenas, que inclusive começa a ser construído na pré-escola, no dia do índio, onde as professoras e os professores ensinam as crianças que no Brasil os índios foram bons selvagens mas todos morreram, e no final da aula a criança vai pra casa “vestida de índio” com uma pena na cabeça e o rosto pintado de tinta guache.

Ou seja, aquelas pessoas que se reconhecem enquanto um grupo étnico de origem indígena, mas que não se encaixam no ideal construído sobre o perfil do “índio”, não são consideradas como tal. Se um índio de “carne e osso” (RAMOS, 1998) não se enquadrar no modelo de índio “hiper-real”, sua identidade perde o valor e este se torna um “não-índio” porque perdeu a sua essência. Parece que é isso que ocorre no pensamento das pessoas que comentaram as fotos. Então, gostaria de contribuir com alguns ensinamentos provindos de alguns debates na antropologia, e desfazer esta confusão estabelecida historicamente e mostrar que não é porque uma pessoa utiliza um celular, um uma camisa de time de futebol, ou tem o cabelo enrolado, que ela perdeu sua identidade e deixou de ser o que era.

Para Guanaes (2015):

A categoria “índio” vem sofrendo uma ressignificação por parte dessas elites e da mídia, onde a versão romântica do índio como “bom selvagem” dá lugar, paulatinamente, ao índio criminoso, corrompido e invasor, uma ameaça concreta à família, à religião, à propriedade privada e ao Estado. O indígena, nessa perspectiva, deixa de ser humanizado e seus direitos (humanos) passam, portanto, a ser questionáveis. De ancestral da civilização latino-americana o indígena vai sendo transformado numa espécie de antítese da nação, do desenvolvimento e da civilização moderna. Os Guarani, de “dóceis” e exímios agricultores, se transformam em vítimas do ódio e da violência incitados pelos ruralistas e elites econômicas da região.

Podemos perceber em Carneiro da Cunha (2009), e Viveiros de Castro (2002), duas distintas formas de perceber a cultura. A primeira autora escreve sobre a concepção platônica e a heraclitiana de cultura e identidade, já o segundo autor, utiliza dos conceitos de mármore e murta, extraídos do Sermão do Espírito Santo de Antonio Vieira (1657), um jesuíta que “quebrou a cabeça” para compreender a cultura dos povos indígenas.

Em Carneiro da Cunha (2009: 259):

Há dois modos básicos de se entender a noção de cultura e de identidade. O primeiro, a que poderíamos chamar, por simples conveniência, de *platônico*, percebe a identidade e a cultura como *coisas*. A identidade consistiria em, pelo menos como um horizonte almejado, o de ser idêntico a um modelo, e suporia assim uma essência, e a cultura seria um conjunto de itens, regras, valores, posições etc. previamente dados. Como alternativa a esta perspectiva, pode se entender a identidade como sendo simplesmente a percepção de uma continuidade, de um processo, de um fluxo: em suma, uma memória. A cultura não seria, nessa visão, um conjunto de traços dados e sim a possibilidade de gerá-los em sistemas perpetuamente cambiantes. Por comodidade, poderíamos chamar essa postura de *heraclitiana*.

As pessoas que fizeram os comentários que incitam a violência simbólica para com o Outro, concebem a cultura e a identidade de forma platônica, pois acreditam que os Guaranis que vivem nas aldeias em Guaíra perderam a essência de sua cultura e deixaram de serem indígenas, todavia, segundo Viveiros de Castro, esta é a maneira ocidental de se conceber a cultura.

Nossa ideia corrente de cultura projeta uma paisagem antropológica povoada de estatuas de mármore, não de murta: museu clássico antes que jardim barroco. Entendemos que toda a sociedade tende a preservar em seu próprio ser, e que a cultura é a forma reflexiva deste ser; pensamos que é necessário uma pressão violenta, maciça, para que ela se transforme. Mas, sobretudo, cremos que o ser de uma sociedade é seu preservar: a memória e a tradição são o mármore identitário de que é feita a cultura. Estimamos, por fim, que, uma vez convertidas em outras que si mesmas, as sociedades que perderam sua tradição não têm volta (...) (VIVEIROS DE CASTRO, 2002: 195)

E como deixar de conceber a cultura estática, como mármore, e passar a concebê-la de forma recíproca, como murta<sup>7</sup>? Ou deixar de enxergar a identidade e a cultura do Outro, diferente de mim, de forma platônica, e a ver da ótica heraclitiana?

Através da leitura das obras de Viveiros Castro (2002), e Carneiro da Cunha (2009), podemos entender melhor que a cultura não é uma estátua de mármore e não tem uma essência platônica, não é pelo fato das pessoas que se auto-reconhecem como pertencentes a algum grupo étnico indígena utilizarem de elementos que são de “nossa cultura” (a ocidental) que deixam de ser indígenas, para muitas pessoas é quase inacreditável saber que um “índio” usa calça jeans, camisa de time de futebol, tênis da Nike, e tem celular com face book e whatsapp, me lembro até hoje quando, a pedido de um primo, lhe mostrei fotos de duas aldeias que eu havia visitado no Paraguai, enquanto nas fotos havia somente as casas de madeira e os bichos do quintal estava tudo bem, mas quando ele avistou uma antena de televisão ele se surpreendeu e me perguntou, “uai, más índio

<sup>7</sup> Arvore cujo jardineiro a modela e com o tempo retoma sua forma natural.

também vê televisão”, é claro que sim, além disso eles acessam a internet e se locomovem via avião para irem em protestos e reivindicações em Brasília, eu o respondi, e ele me fez outra pergunta em tom de exclamação, “más então ele não é índio”?!<sup>8</sup>

Eis a visão de mármore sobre a cultura, será que se ele tivesse visto pessoas desnudas, na beira de um rio, com um arco e flecha ele teria visto um “índio” de verdade? Como mudar esta concepção deste índio “hiper real”, para passarmos a concebê-lo assim como ele é, de “carne e osso”<sup>9</sup>?

Em Guaíra e Terra Roxa, a situação das 13 aldeias é grave, no sentido em que a maioria dos Guaranis já não conseguem emprego por serem indígenas, e quando vão exigir demarcação de terra não são considerados “índios” e sim “vagabundos paraguaios”. O cerne no problema - um tanto até contraditório – gira em torno do direito ao território. Pois percebi, em Diamante d’Oeste, onde há duas Reservas Indígenas, a Tekohá Itamarã e a Tekohá Añetete, muito próximas ao município (cerca de 20 quilômetros), e até onde pude compreender, não há conflitos onde a sociedade civil se volta contra a população indígena local, já entrei em supermercados e outros lugares de comércio, tanto junto com os Guaranis em Guaíra, quanto em Diamante D’oeste, e a diferença é latente entre a forma que a população percebe a chegada dos índios, quando na primeira cidade são vistos como aparentes “ladrões”, na outra são tratados apenas como consumidores igual a qualquer outro.

A negação da identidade indígena está extremamente atrelada à negação do direito coletivo dos povos indígenas à terra demarcada, ao burlar a identidade indígena, os direitos garantidos às populações indígenas automaticamente se tornam inválidos.

Como ressalta OLIVEIRA (2014:164):

Para perpetuar a situação dos Avá-Guarani, especialmente no que tange o preterimento de seus direitos territoriais, uma das estratégias intencionalmente utilizadas foi a renitente negação de sua identidade. Como os Povos Indígenas se tratam de sujeitos coletivos de direito, assegurados desde os Alvarás Régios do período colonial e plasmado nas constituições republicanas, determinar que os Avá-Guarani não se trata mais de um grupo indígena foi o principal mecanismo utilizado pelo Estado Brasileiro para mantê-los alienados de seus direitos.

No ano de 2013 uma equipe do MPF fez uma série de visitas a aldeias em condição de acampamento em Guaíra e Terra Roxa, nos relatórios<sup>10</sup> podemos perceber a situação

<sup>8</sup> Ver o anexo 2, em uma fala transcrita do Ilson (liderança indígena), que questiona o fato da negação da identidade indígena para pessoas que se declaram e se reconhecem como indígenas devido à estas utilizarem elementos da “cultura” ocidental, como celular, calça jeans, entre outros exemplos.

<sup>9</sup> Uma solução é a Lei 11.645, que propõe o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas, porém há bastante trabalho pela frente.

<sup>10</sup> Vide bibliografia.

precária vivida pelas pessoas pertencentes ao povo Guarani. Constata nestes relatos fotografias que mostram a situação material das aldeias, as casas, os locais de coleta de água, o saneamento, etc. É latente o acesso escasso a água, um elemento básico para a sobrevivência, são poucas que tem o acesso à eletricidade. Nota-se a quantidade numerosa de crianças em alguns relatórios, e também o difícil acesso à escola devido ao complicado acesso ao transporte escolar. O conflito com os fazendeiros locais é outra questão de relevância. Todavia, estes relatórios se tornam de grande importância para ter um panorama da situação material e simbólica atual de como estão vivendo os Guaranis na região Oeste do Paraná. É uma questão de Direitos Humanos, ou melhor, na extinção destes direitos cada vez mais.

## **2.2 Os relatos sobre o conflito**

A primeira vez que fui pra Guaíra fazer trabalho de campo, fiz uma visita à CTL (Coordenação Técnica Local) da FUNAI, obtive uma conversa com um dos poucos técnicos que trabalha no local, a pessoa me falou de quando a CTL se instalou em Guaíra, que os fazendeiros pensavam que a função dos técnicos seria de remover os indígenas do município para um outro lugar. Porém quando perceberam que o papel da CTL não era retirar as aldeias mais sim dar assistência ao povo indígena, houve uma indignação dos fazendeiros para com a FUNAI, e desde então passaram a surgir as ameaças.

O caso mais grave foi o sequestro da secretária da CTL no ano de 2013, uma jovem de aproximadamente 25 anos de idade. Quatro homens em um carro, dois no banco de trás e dois nos bancos da frente, ela foi brutalmente jogada para dentro do carro e molestada durante um trajeto, depois a soltaram, os homens mandaram avisar aos técnicos da CTL que eles não sabiam se iriam mandar matar os técnicos ou dar uma boa surra. A moça continua trabalhando da CTL.

Em uma aldeia em Guaíra, um homem começou a me contar sobre a história do pai de uma liderança da aldeia Tekohá Guarani, ele me falou de Sr. Assunção, que deve ter hoje mais de 80 anos de idade. Eu pedi para registrar a conversa com um gravador de áudio e foi permitido, cito abaixo uma parte da fala muito importante, quando Sr. Assunção trabalhava para a Cia Mate Laranjeira e teve que ir para o Mato Grosso do Sul para continuar sobrevivendo, ele foi baleado porque exigiu o pagamento por seus serviços prestado à extratora de erva mate Mate Laranjeira.

*Veio fazendeiro né, manda corta erva, trabaiá, leva pra lá longe nas costas e não pagava né, fazendeiro não pagava, e se pedi o pagamento eles matava né, os fazendeiro né, antigamente, ele (Assunção) falou, nois (povo Guarani) sofrido bastante (...) ele pediu um trocado e tomo um tiro nas costas, e passou pra Mato Grosso (do Sul) ele correu, disse que os fazendeiro ia mata ele (...) o pai e a mãe do Assunção morreu aqui memo (Guaíra), seu Assunção foi tinha uns 13 anos e o pai e a mãe morreu tudo ali na Guarani (onde atualmente é uma aldeia) né.*

E depois ele voltou quando pra Guaíra ?

*Ele volto quando tinha uns cinquenta e poucos anos, ele volto com o Valmir né (filho de Assunção), ele contou a história pro Valmir, como é que era antigamente Guaíra, como é que era a aldeia Guarani ali, ele falo que ali na Vila Guarani (um bairro de Guaíra), não tem um posto de gasolina ? (aqui ele indica onde o local da antiga aldeia, onde hoje é um posto de gasolina) Então, ele morava lá, o pai dele a mãe dele morava ali (...) porque ali tinha uma aldeia Guarani né (...) então por isso chamaram de Vila Guarani. Então antigamente era tudo mato aqui, tudo mato né, num tinha cidade, ai foi pro Mato Grosso (seu Assunção), volto ai já tinha cidade. Ele sabe tudo.*

Nesta saída para campo, onde escutei esta conversa, havia ido eu e mais um amigo do curso de Antropologia, ele perguntou para Rodrigo para qual local Sr. Assunção havia ido quando foi para Mato Grosso do Sul e Rodrigo responde o seguinte:

*Ele foi pra Porto Lindo né, antigamente o Porto Lindo nem existia ainda, tudo mato, tudo mato. Vivia um pouquinho de índio longe, tudo longe um do outro né, então foi pra lá.*

Eu perguntei: “Qual a dificuldade que vocês enfrentam quando iniciam uma nova aldeia”. Pois quando os grupos voltam para seu local de origem, ou seja, a aldeia onde seus parentes antepassados foram enterrados e onde seus avós, pai e mãe foram criados, se deparam muitas vezes com fazendas e cidades, como disse Rodrigo em sua fala. Segue abaixo a resposta.

*Dificuldade que a gente passa lá é mais com as crianças né, criança estuda né, e nenhum ônibus entra lá né, vão de a pé. Tem que sair 06:00 horas da manhã, tem que caminha até lá em cima na fazenda, e de lá pega o ônibus pra ir na*

*escola, e quando chove também molha tudo né. Tem que toma cuidado com as crianças, agora já tá melhorando, tem caixa d'água, tá colocando água lá também, quando chove assim nois bebia aquela água suja né (...) um vez fui caça e pesca lá em cima né, e tinha um boi morto na beira do rio né, e nois pega água lá em baixo né, e os fazendeiro joga muito bicho morto lá na beira do rio (...) e as criança pra ir na escola tem que toma banho lá né, i pega muitas ferida assim.*

Em um momento, Rodrigo cita o nome do fazendeiro que se diz dono das terras onde é a aldeia Tekohá Guarani. Eu perguntei se havia muitas ameaças por parte dos fazendeiros para com os Guaranis, e ele responde o seguinte: *“Já (...) uma vez mesmo ele passo de carro, passava lá com os cara, tudo ninja, mascara e tudo, com arma na mão apontando pra nois lá, nem ligamo pra ele”.*

Em uma conversa que tive com uma liderança de uma das aldeias de Guaíra, fui informado que os ruralistas se organizaram e passaram nas escolas do município para falar sobre o povo indígena. Eles disseminaram às crianças e aos adolescentes que os índios iriam invadir a cidade, tomar os espaços dos brancos e muito mais, ou seja, isto para difamar a imagem do povo indígena.

A liderança que me informou sobre o caso de discriminação nas escolas, disse que ficou sabendo do ocorrido através de uma professora que ela conhece que dá aula nas escolas municipais de Guaíra. A professora foi até à aldeia para chamar alguns Guaranis para ir até às escolas contrapor os fatos, falar a versão dos índios, sobre a situação de conflito e a condição de vida das famílias Guaranis que habitam pequenos pedaços de terra, mas a liderança ficou com um pouco medo da reação dos alunos, de reagirem com desprezo para com eles.

Na aldeia Y'Hovy, conheci um menino de 8 ou 9 anos de idade, seu nome em Guarani (nome alma) é Avá Poty, perguntei para ele se ele gostava de ir para escola do município, e ele disse que não gostava da escola porque letra não é coisa de índio. Perguntei se ele tinha amigos e ele disse que não tinha porque os brancos tem medo de índio, e o único amigo que ele tinha na escola era o amigo índio.

Ocorreu um episódio em uma aldeia em Guaíra no ano de 2014, no qual uma liderança teve a oportunidade de expressar seus sentimentos e explicar a situação do ponto de vista dos indígenas, para o atual prefeito do município de Guaíra. Somente para contextualizar, este foi um outro conflito que houve entre indígenas e fazendeiros, se deu no Tekohá Mirim, aldeia localizada no fundo de uma fazenda, os guaranis disseram ao dono

que iriam plantar mandioca em toda a fazenda de soja, pois já não aguentavam mais serem pressionados pelo proprietário, este fato motivou o fazendeiro a chamar outros fazendeiros e o prefeito para proteger sua propriedade, junto veio a mídia e a polícia.

Eu não presenciei o fato pessoalmente, fiquei sabendo quando estava em trabalho de campo, uma liderança estava no dia do evento, filmou e quando fui na aldeia ele me passou o vídeo, expliquei que iria utilizar o vídeo para ajudar a expor a situação que os Guaranis estão vivendo e me foi permitido. No vídeo, uma cacique expõe a situação de violência que eles sofrem perante a não demarcação da terra e a onda de preconceito e discriminação.

*É ... Tanto pra começar. Primeiramente a gente se sente sufocado pelo órgão municipal, e ai vieram a sociedade ... e eu entendo que tanto dos dois lados, tanto a população indígena e os fazendeiros, nós estamos nas mãos, de baixo dos poderes públicos, essa pressão toda que vem acontecendo não devia acontecer.*

*Porque não é não é os fazendeiros nem a população indígena que vai resolver isso ai não é o fazendeiro que vai vim e dizer assim; ' vai ser só daqui, até aqui, esse quadradinho (Paulina estava com um arco na mão esquerda e uma flecha na esquerda, conforme ela falava utilizava a flecha riscando para indicar a divisão das terras). O fazendeiro nem o prefeito, nem ninguém não vai pode dez isso ai. Nem nós, nós queremos esse tanto aqui, maior, não é a população indígena que vai dizer isso ai, e nós estamos lutando pela não é porque... não é somente porque um dia foi nosso, nós estamos lutando por um pedaço de terra porque nós queremos aldeia reconhecida onde a gente possa ser indígena, ser Guarani, ser respeitado, como cidadão comum, como pessoa que tem sentimento, de amor, de sofrimento, de angustias, é essas coisas que a gente quer que seja respeitado.*

*Más a gente (povo indígena e município) chegou em um ponto que não conseguimos ter controle de tudo isso, essas pressão toda que vem acontecendo (protestos do povo do município contra os índios – sequestro da secretária da FUNAI, ameaça de pessoas às liderança, faixas e adesivos contra o povo indígena).*

*Eu hoje, na frente do Sr. (prefeito atual - 2014), eu to feliz, ouvindo outras palavras vindo da sua boca eu fico muito feliz, escutando que você está disposto a dialogar, tá disposto a busca uma solução pra nós. Más na vez passada (se referindo a uma conferência pública à qual o prefeito atual participou) eu fiquei*

*meio assim... falei; puxa ! Realmente esse branco, esses juruá, não conhecem o próprio indígena, própria diferença cultural que existe no município, eles não conhecem.*

*Porque o Sr., numa conferência você disse... (ela faz uma pergunta para o prefeito na sequência) Você acha que no meio de uma população indígena uma mulher não seria liderança? Que você falou que talvez o interesse pela demarcação de terra, essa terra que nós tamo pisando, não seja da população Guarani em geral, que talvez fosse o interesse dos cacique, eu sou um cacique, eu sou uma liderança que tá lutando por esse povo, e isso me magoou, más eu não ligo, porque no fundo eu tenho a consciência limpa de que não é no nosso interesse particular a demarcação de terras, porque o que nós queremos é dar tranquilidade pras nossas crianças, é da segurança, assegurar o futuro do nosso povo.*

*Eu fui na minha comunidade e contei isso ai, eu chorei, e pode se, todos os juruá presentes aqui podem dizer: ‘ outra vez, tá ai uma índia, outra vez chorando, implorando, tá ai outra índia, outra vez chorando, implorando, tá ai outra índia que está sempre treinado ideologicamente pra fala essas coisas pro prefeito’.*

*Nós somos povo muito humilde, nós não temos o dinheiro que vocês têm, ou seja, por mais que eu seja professora, eu não posso, comprar tudo que as famílias que estão ao meu redor, não posso fazer compra pra todos eles, pra manter eles com meus próprio dinheiro, como você (prefeito) não pode fazer isso, você não pode gastar o seu salário de prefeito, pra sexta básica pra nós, nós entendemos isso ai, cada um tem o seu dinheiro pra gastar pra sustentabilidade de si mesmo e da família, filhos, netos ou talvez seus filhos e esposa, ou marido.*

*Então, Sr. Prefeito, tudo que nós queremos, nós não queremos que vocês façam, em um ano, em dois anos. Por isso eu, não sei se o Ilson já foi nu teu gabinete na prefeitura, mais eu não fui ainda porque eu tenho vergonha de pisa lá e dizer assim, “ to precisando disso ai”, porque eu conheço como é que funciona as leis, as burocracias eu conheço como que funciona, eu sei que o que eu ( aqui ela fala dela mesma enquanto liderança, más na maioria das vezes o pronome é “nós”, ou seja ela falando em nome do povo da comunidade) to precisando não vai ser o Sr. como prefeito que vai resolver, por isso eu não pisei ainda no seu gabinete, porque eu respeito o Sr. Não vai ser o Sr. como prefeito*

*que vai resolver, eu não quero te dá dor de cabeça na area que você não vai pode resolve pra nós, além disso, eu fico muito triste quando passa pela rua e nós sono tratado como animais, como pessoas que, parece que... parece até que os branco fala assim; 'ai tá passando uma pessoa, gente que é quase a gente, más que não é exatamente como a gente', é assim que nós nos sentimos, e porquê ?*

*Porque até o Amilton Siriguelli quer ser o representante dos povos indígenas, sendo que ninguém pediu por ele, os indígenas não falo; 'ô Seu Amilton Siriguelli, tudo bom, hoje em dia a gente quer quê você representa o nosso povo, o nosso município'. Ninguém falo isso pra ele, mais ele tá lá falando pelos índios dizendo; 'os indígenas é isso, isso, isso, á.. tem caciques traficantes, tem aldeias que ... que tá passando por esse acampamento tráficos de drogas'. Não, não é assim que o poder público que tem responsabilidade vai defende a população indígena na Assembleia, seja lá no Congresso, tá diminuindo a população indígena na frente de todo mundo.*

*É isso que tá acontecendo, por isso que nós indígenas já conversamos, e nós vamos mante só esses acampamentos que vocês conhecem a onde estão, se é que vocês conhece a onde estamos, e que fique bem claro muita gente precisa conhecer muito mais a população indígena.*

*E que a população indígena nunca vai colaborar com o crescimento do Brasil economicamente, é claro que nós não vamos colaborar nesse sentido, porque isso não faz parte da nossa cultura, talvez um dia a gente possa colaborar economicamente, lucrativamente, um dia a gente possa até talvez colaborar, mais isso ... se chaga nesse ponto precisamos de oportunidade.*

*Então se for pra fala tudo o porquê nós estamos assim, a gente vai passa a tarde toda, a noite inteira, a manhã, o dia inteiro de novo, e talvez assim muita gente possa entender o porquê a gente tá lutando pela terra, as vezes (Paulina supondo o pensamento dos não-indígenas que habitam o município de Guaíra); 'à .. os índio são vagabundo, só andam à toa pela rua, só sabem bebe cachaça', agora nós passamos por ali e escutamos; 'à .. os índios tão vindo por ali, só chegando porque não tem nada o que faze'. E eles ? Será que eles tão trabalhando ali na estrada? Eles tão ali manifestando, protestando realmente porque também não tem nada o que fazer (Ela estava se referindo a um grupo de fazendeiros que estavam protestando contra os indígenas).*

*Então, essas coisas, talvez os jovens entram nas bebidas alcoólica, bebem, ingerem, muitas vezes porquê não tem um espaço de lazer pra eles, eles não tem o direito de tomar uma cerveja no bar, não tem direito a um baile, porque nós não somos aceito nesse município, nós não somos visto como seres humanos nesse município porque nesse sentido talvez você tenha alguma coisa pra fazer por nós, de convoca, sei lá, de alguma forma exigi que falem mais das populações indígenas pra que diminua os preconceitos que há nessa cidade, porque eu participo de muitas conferências e eu sei que tem um artigo lá, no meio das leis lá que vocês .. que vocês conhecem, nós não conhecemos mais tem um artigo lá que obriga todas as escolas devem ter pelo menos 45 minutos pra falar, da população indígena, porque como é que já começaram a se respeitar, diminuíram ou estão sendo respeitados os negros, quilombolas, gays, e porquê que nós até hoje somos tratados ainda desse jeito ? Porque nós não temos muito o que fazer, só temos que realmente implora, pedir, mais que fique bem claro que nós, cada vez que manifestamos, pedimos, exigimos, nós não estamos pedindo esmola pra ninguém.*

A fala da liderança é forte, vem de dentro, tem sentimento. Podemos perceber que ela relata a negação do povo Guarani no município de Guaíra, tanto como a falta de reconhecimento da população do município sobre o modo de ser Guarani. É impressionante a capacidade cruel da elite ruralista em manipular, através das mídias locais, grande parte da população de Guaíra à verem o povo Guarani como verdadeiros “invasores” de terras, é um grande problema que gera violência e ódio de um para com o Outro, e além de tudo, a dificuldade do Estado brasileiro em intermediar este grande problema, que perpassa pela questão que envolve a terra, ou melhor, o território.

### **CAPITULO 3 - O TRABALHO DAS LIDERANÇAS**

Neste capítulo, abordo alguns aspectos da organização social e política Avá Guarani, pretendo relacionar certas características da cosmo-política deste grupo étnico que estão localizados na região oeste do Paraná, com os Kaiowá-Guarani no Mato Grosso do Sul, como, por exemplo, o trabalho das lideranças no processo da demarcação territorial, um ofício arriscado que exige uma estreita relação com os xamãs, e ao mesmo tempo com o mundo dos brancos.

No item, 3.1 e 3.2, vou focar nas informações obtidas em duas aldeias onde me iniciei fazendo trabalho em campo, a Reserva Indígena Itamarã, localizada aproximadamente 20 quilômetros do município de Diamante d'Oeste, e a aldeia Tekohá Y'Hovy, que se encontra no município de Guaíra.

A diferença de uma para outra, é que a Itamarã é uma Reserva Indígena que foi parte do “pagamento” da dívida (que ainda está pendente) da Itaipu para com os Guaranis, que tomaram posse da terra em 2006, porém, até conseguirem, tiveram que passar um bom tempo acampando no torno dos municípios do oeste do Paraná. O grupo que lutou pela demarcação desta terra estava sendo liderado por Teodoro e o oporaiva (xamã) Sr. Honório.

Já a Y'Hovy, é uma aldeia que está em situação de acampamento, ou seja, não é uma terra demarcada e regularizada pela FUNAI.

No Item 3.3, ressalto certos elementos que vi e escutei, nas reuniões de lideranças às quais tive a imensa oportunidade de poder presenciar.

Durante as reuniões, as lideranças falavam no idioma guarani, porém, utilizavam bastante termos em português, como “demarcação, FUNAI, antropólogo, município, fazendeiro”, entre outros, eu anotava todas essas palavras para me situar dos assuntos que estavam tratando, as vezes quando estava sentado perto de um falante de língua guarani e português, fazia algumas perguntas para melhor compreender o contexto das conversas.

Quando iniciei no trabalho de campo, tinha como proposta etnográfica acompanhar as lideranças na luta pela demarcação da territorial. Um autor que me ajudou a refletir, e até mesmo a compreender melhor o que eu estava propondo a fazer foi Clastres (2003[1970] e 2004[1980]). Desde suas reflexões sobre a questão do poder nas sociedades indígenas, até as características das lideranças e a dinâmica da relação desta figura com a comunidade que ela lidera.

O autor faz a distinção de sociedade sem Estado e sociedade com Estado, na primeira, é a vontade da sociedade que prevalece, não existe um órgão que concentra o poder de decisões, nem as leis e as regras de forma coercitiva, já na segunda, há sim, aparatos que concentram o poder nas mãos de poucos e que alienam as pessoas que compõe a sociedade a obedecer aquilo que é posto pelo aparato autoritário e dominante.

[...] as sociedades primitivas são as sociedades sem Estado, são as sociedades cujo corpo não possui órgão separado do poder político [...] elas são, em seu ser, homogêneas porque indivisas. E reconhecemos aqui a definição etnológica dessas sociedades: elas não têm órgão separado do poder, o poder não está separado da sociedade.

Já ouvi comentários irônicos dos colegas da ciências políticas e sociologia sobre quando nós, da antropologia, falamos em “sociedades sem Estado”, os mais “marxistas”, muitas vezes, até deixam escapar risadas quando tocamos no assunto, o próprio Pierre Clastres chamou a atenção para a tendência ocidental em pensar somente em sociedades com Estado.

Levar a sério as sociedades primitivas, significa assim refletir sobre esta proposição que, de fato, define-as perfeitamente: nelas não se pode isolar uma esfera política distinta da esfera do social. Sabe-se que, desde sua aurora grega, o pensamento político do Ocidente soube ver no político a essência do social humano (o homem é um animal político), ao mesmo tempo que apreendia a essência do político na divisão social entre dominantes e dominados, entre os que sabem, e portanto mandam, e os que não sabem, e portanto obedecem. O social é político, o político é o exercício do poder (legítimo ou não, pouco importa aqui) por um ou alguns sobre o resto da sociedade (para seu bem ou seu mal, pouco importa também): tanto para Heráclito, como para Platão e Aristóteles, não há sociedades senão sob a égide dos reis, a sociedade não é pensável sem a divisão entre os que mandam e os que obedecem, e lá onde não existe o exercício do poder cai-se no infra-social, na não-sociedade. (ibidem: 102. *Grifo meu*)

Realmente, de início parece um pouco estranho pensar em uma liderança que não exerça poder sobre seu grupo, que sentido faz a sociedade aceitar um líder, se ela não o obedece? Para que serve o chefe, se não exerce o poder de decisões?

Na realidade, que o chefe selvagem não detenha o poder de mandar não significa que ele não sirva para nada: ao contrário, ele é investido pela sociedade de um certo número de tarefas e, sob esse aspecto, poder-se-ia ver nele uma espécie de funcionário (não remunerado) da sociedade. Que faz um chefe sem poder? Essencialmente, compete-lhe assumir a vontade da sociedade de mostrar-se como uma totalidade una, isto é, assumir o esforço concentrado, deliberado, da comunidade, com vistas em afirmar sua especificidade, sua autonomia, sua independência em relação às outras comunidades. (idem)

A máxima de Clastres, é que nas sociedades indígenas quem detém o poder das decisões é a comunidade e não o líder, o poder está junto ao corpo da sociedade e é indissociável “[...] é o corpo social ele próprio, que detém e o exerce como unidade indivisa” (ibidem: 105). Ao contrário das sociedades com Estado, que o poder está dividido do corpo da sociedade, quem detém o poder das decisões é o Estado e não a sociedade.

A seguir, utilizo dois etnólogos(as), que trabalharam com a perspectiva teórica de Pierre Clastres, como Pimentel (2012), que realizou sua pesquisa etnográfica com os Kaoiwás-Guarani, no Mato Grosso do Sul, e Albernaz (2009), que fez seu estudo etnográfico entre os Avás-Guaranis da Reserva Indígena Tekohá Oco’y, próxima ao

município de São Miguel do Iguaçu, e utilizo dos estudos destes autores(as) para fazer uma relação com minha experiência etnográfica.

### **3.1 As lideranças da Reserva Indígena Tekohá Itamarã.**

No mês de Novembro de 2014, fui para a aldeia Tekohá Itamarã para fazer uma visita a Teodoro e Sr. Honório, duas das lideranças da aldeia. Conheci Teodoro em Dezembro de 2012, quando visitei pela primeira vez a Tekohá Itamarã, fui com a orientadora da pesquisa de iniciação científica, a professora Senilde Guanaes, que já conhecia Teodoro.

Esta Reserva Indígena, é o resultado do árduo trabalho do grupo liderado por Teodoro e Sr. Honório, que saiu no ano de 2003 do Tekohá Ocoy na tentativa de retomar uma parte do território, depois de muito protesto e reivindicação, no ano de 2006 a Itaipu comprou uma fazenda em Diamante d'Oeste a fim de assentar o grupo de Teodoro, a FUNAI regularizou a área tornando-a uma Reserva Indígena.

Na última vez que fui para o Tekoha Itamarã (novembro de 2014), permaneci por lá quatro dias e cinco noites. Quando cheguei na aldeia, Teodoro estava trabalhando na roça de mandioca, ele percebeu minha chegada e se aproximou, seguida fomos trocar umas palavras na varanda da casa de sua família. Falei um pouco para ele sobre Antropologia e a área que eu estudo dentro desta ciência.

Tentei explicar para ele o porquê eu estava lá, e a minha intensão em estudar sobre as lideranças indígenas. Conversamos sobre os conflitos entre os Guaranis e a sociedade civil em Guaíra-PR, que tinha ocorrido no início do mês de novembro de 2014, e então surgiu o assunto que a sociedade civil de Guaíra estava corrompendo a imagem das lideranças, com argumentos falsos sobre a postura ética desta figura, não era nada parecido com que escutava dos indígenas que eu conversava nas aldeias, e tampouco constatados em etnografias sobre as lideranças, pois no município referido, circulam informações insolentes, de que as lideranças querem as terras para si próprios e não para o grupo, que são influenciadas por pessoas não indígenas à “invadirem as terras”, e entre outros comentários a fim de corromper a imagem das lideranças.

Neste dia havia me sentido a vontade o suficiente para conversar sobre etnologia com Teodoro, utilizando o que eu aprendi com as leituras de Pierre Clastres e outros etnólogos contemporâneos, e disse a ele que através da etnografia, eu poderia tentar contribuir, através da escrita, a fim de desfazer a confusão gerada em torno do papel das lideranças Guaranis no oeste do Paraná. Então, disse a Teodoro que gostaria de escrever sobre o papel das lideranças, porém da ótica das lideranças, ou seja, escrever o que as

lideranças me dizem sobre a função de ser o líder da comunidade, e assim fazer um balanço comparativo através do ponto de vista etnológico. Teodoro se interessou pela proposta, ali mesmo iniciou os ensinamentos sobre o papel das lideranças, eu não gravei a conversa porque o assunto estava tão interessante que não pensei que poderia ter pedido para gravar.

Teodoro disse que antigamente (antes do contato com os brancos) não havia uma pessoa que fosse considerada pelas outras como a liderança única da aldeia. Havia o que ele traduziu como “comissões”, ou seja, a comissão de caçadores, de coletores, de cultivo da terra, para abrir uma picada, entre outras, que surgiam das demandas do grupo. No momento me lembrei do conceito de *tendotá*, apresentado por Pimentel (2012).

Os Kaiowá que conheci são muito ciosos a respeito de quem inicia uma ação, de quem vai “tomar a frente”, da iniciativa para realizar algo, seja no âmbito familiar ou no grupo local. Estamos falando de ações que vão desde uma roça, uma caçada, uma festa até um diálogo com um prefeito, chefe da FUNAI ou procurador do Ministério Público Federal, um protesto, uma ocupação de terras e etc. etc. (Pimentel, 2012: 128)

Então, perguntei ao Teodoro sobre a palavra *tendotá*, e ele explicou dizendo que o *tendotá* seria a “liderança” das comissões. Em Pimentel (2012), a palavra *tendotá*, é um primeiro elemento para pensar uma teoria da política kaiowá Guarani. “A figura evocada pelo *tendotá*, como já dissemos, é a fila. E *tedotá* é uma figura do movimento. Ele “puxa” uma fila, “puxa” uma turma” (ibidem: 130).

No idioma dos Araweté (Viveiros de Castro: 1986), povo que, assim como os Guaranis, também são de língua descendente do tronco tupi, encontramos uma palavra semelhante ao conceito de “*tendotá*”, é a noção de “*tenetãmõ*”, que indica a pessoa que toma a frente de uma ação. O significado literal de “*Tenatãmõ*” poderia ser; “em primeiro lugar”, “o que segue à frente”, “o que começa”. “[...] O líder Araweté é o que começa, não o que ordena; o que segue à frente, não o que fica no meio” (Viveiros de Castro: 1986: 302).

Teodoro falou que depois do contato com o não-índio, teve a necessidade do surgimento do *mburuvicha* (ou *mburuvixa*), que seria a pessoa que passaria então a fazer o diálogo fora da aldeia, ou seja, com os brancos, ele disse; “surgiu o termo depois que o branco chamou o *tendotá* de cacique”. Em uma conversa com Sr. Honório, o “rezador”<sup>11</sup> da

---

<sup>11</sup> Rezador é um termo utilizado pelos Guaranis para uma tradução do termo “*oporaiva*”, que seriam aquelas pessoas que conhecem os cantos tradicionais, e que cantam, as vezes este termo é traduzido como “*pajé*”.

comunidade, ele me disse que as palavras “uvicha” (ou uvixa) e “urajja” têm o mesmo significado que “mburuvicha”.

Albernaz (2009) traz a palavra “nhaderuvicha”, que tem mesmo significado o qual havia me ensinado Sr. Honório e Teodoro sobre o termo mburuvicha. Independente do sufixo que o anteceda, percebo que o prefixo vicha indica a ideia de pessoa principal, da aldeia.

O chefe político em Oco’y é chamado correntemente de cacique, porém os Avá-Guarani afirmam que este termo passou a ser usado a partir do contato com os brancos. O nome nativo para denominar o chefe político é nhaderuvicha, que significa nosso pai geral ou de todos. (Albernaz, 2009: 289)

Em uma conversa com Sr. Honório, ele me ensinou como funciona a relação das lideranças na aldeia, iniciou narrando sobre quando a liderança decide deixar a função e segue a explicação dizendo que é a comunidade que decide quem será a liderança, inclusive os professores também são escolhidos pela comunidade para trabalhar na escola da aldeia. Havia pedido para Sr. Honório que me deixasse gravar a conversa, disse a ele que para mim seria importante para usar nos trabalhos de Antropologia, ele permitiu que eu gravasse.

*“... ele<sup>12</sup> pediu que queria descansar, então a gente já faz outra reunião indicando outra pessoa pra ser cacique, pra ser a liderança, então acontece assim, a comunidade ... Então o pessoal, se ele vê alguma coisa que não tá certo a gente conversa com o cacique, eu do conselho até pro cacique, porquê as vezes se ele fizer alguma coisa meio errado, então senta ai, vamo conversa, tem que fazer isso, tem que fazer assim, tem que ter muita responsabilidade no seu trabalho, tudo isso a gente fala, então ele me obedece muito, eu também não mando nada, eu sou o rezador, más o povo, o branco, povo que me conhece no meu trabalho, então já fala; ‘a liderança maior é o Sr. Honório’, sempre fala, o branco fala, más eu não mando nada ... o pessoal fica sadio, forte, então é isso que a gente faz, então é por ai. Então nois tamo aliado com o cacique, tem o Teodoro que é professor, resolve as coisas, más assim, em conjunto, porque a gente sozinho não faz nada, tem que ter, tem que conversar com o outro pra ter aquela força né! É isso que acontece. O Professor, a professora, é nois que indicamos, porquê lá fora a professora, o professor, quer vir trabalhar aqui, más a gente tem que conhecer a pessoa, qual é a professora, qual é o professor ... nois que ponhamo ... até o fim do ano então se ele quer sair ou se não quer trabalhar mais, tem que ter outro no lugar dele, más a comunidade é que escolhe, né? Já na outra aldeia (Tekohá Añetete) também faz isso e é assim que a gente faz[...]*

Eu perguntei: “Sr. Honório, sobre as lideranças, qual é o papel delas pra comunidade?”

---

<sup>12</sup> A liderança.

*O papel da liderança ? Ele tem que fazer p projeto, ele tem que fazer o pedido do pessoal, pra alimentação, pra arruma documentação, tudo isso passa na mão dele, ele tem que fazer documento, identidade, CPF, registro, tudo isso ele tem que fazer, então é isso que acontece, a liderança é que faz tudo isso.*

Percebo na fala de Sr. Honório, um diálogo entre a comunidade e as lideranças no Tekohá Itamarã. Nas aldeias Guarani que visitei, um dos espaços onde ocorre o diálogo entre as lideranças e a comunidade é a casa de reza. Albernaz (2009), mostra também essa peculiaridade da cultura política Guarani.

As falas das lideranças políticas são feitas muitas vezes ao final de alguma reza na oga guaçu (casa de reza) [...] Estas falas são de mobilização política e falam de assuntos que concernem a todos enquanto grupo, incitando a sua identificação em relação, principalmente, à sociedade dos brancos. Demonstra-se a construção e a difusão de uma visão histórica pelas lideranças políticas, na medida em que estas agenciam, através da fala, a identificação do grupo através do tempo (Albernaz, 2009: 262)

Podemos observar em Pimentel (2012) e em Albernaz (2009), a importância da figura dos xamãs e o seu papel para a manutenção da cultura indígena. Além do mais, o primeiro autor, considera o “xamã” um elemento importante na proposta de cogitar substratos para “uma teoria do movimento coletivo” dos Kaiowá.

O segundo elemento para pensar uma teoria do movimento coletivo entre os Kaiowá está relacionado à figura do xamã. Chamados de muitos nomes, em função de suas várias habilidades e atributos, o ñaderu (nosso pai), oporaiva (cantor), cacique ou pajé, que pode ainda ser considerado um tekoharuvicha (o principal do tekohá) tem, como protótipo ideal o johexakáry, termo de uso raro que poderíamos glosar como “vidente”. Dentre os atributos possíveis, esse o da vidência, certamente é o que mais ajuda a entender o aspecto político do conhecimento xamânico entre os kaiowá. (Pimentel, 2012: 191)

E Albernaz nos mostra que:

Além dos batizados, aqueles que são considerados *oporaívas* fazem rezas e curas específicas, como o benzimento feito aos membros do grupo de dança ou do coral quando estes saem da área

indígena para se apresentar em alguma escola ou outra instituição da região. Eles também fazem os rituais de cura com o *petyngua*, o cachimbo utilizado pelo *oporaíva* em todas as rezas, para esfumegar as pessoas que benzem e curam, e através do movimento de suas mãos sobre o corpo do doente, feito para que eles possam sentir a doença e pegá-la e, através da sucção, retirá-la do corpo do doente. Desta forma, os *oporaívas* (que também são avós), além de tratarem de doenças que os avós (que rezam e receitam remédios naturais em suas casas) não conseguiram curar, também fazem as rezas e benzimentos nas casas de rezas, que são atividades que envolvem mais de uma família-extensa e, às vezes, a aldeia de modo geral. (Albernaz, 2009: 78-79)

Em outro texto, Pimentel (2012b) ressalta também um outro tipo discurso xamânico, o que está atrelado à conjuntura histórica e política, que está ligada ao desmatamento das florestas, ao surgimento das fazendas e cidades, e a expansão do agronegócio.

A situação atual dos Kaiowa e Guarani nos oferece a oportunidade de observar o discurso xamânico em um contexto bem diferente. No sul de Mato Grosso do Sul, não são a mineração e o desmatamento as ameaças. Não se trata de impedir a devastação da floresta – ela já aconteceu, ao longo do século XX, e de uma maneira radical [...]. (Pimentel, 2012b: 141)

Pimentel (2012b), assinala uma questão que eu também constatei através da(o)s rezadores que tive a oportunidade de conversar em algumas das aldeias localizadas no oeste do Paraná. Uma grande tristeza destas pessoas é não poder viver como antigamente, no tempo que existia floresta pra buscar “medicamento” e os animais para caçar, hoje devido a devastação causada pela ambição dos brancos, os bichos foram embora, a água ficou poluída, a terra ficou quente, me lembro bem de uma fala de uma liderança que me disse que enquanto existir a(o)s rezadora(e)s o a terra ainda estará salva, más se estes deixarem de existir a terra não produzirá mais alimentos e toda a humanidade extinguirá.

Os Kaiowá e Guarani que sustentam as práticas xamânicas consideram, em primeiro lugar, que as atitudes dos *karaí* (brancos ou não índios) – o desmatamento generalizado em MS, a irresponsabilidade com relação aos rios e as terras – são extremamente perniciosas para a saúde e o equilíbrio

do cosmo. Além disso, é a própria manutenção das práticas xamânicas, segundo eles, que pode dar alguma chance à sobrevivência dos próprios *karaí*, tendo em vista que as consequências nefastas de nossa negligência e crueldade já são visíveis por todos os lados. (Pimentel, 2012b: 141)

Voltando à questão da liderança, no Tekohá Itamarã, lá possui seis lideranças formais, seriam, o cacique e o vice-cacique, a liderança que encaminha documentos para fora da aldeia, a liderança que toma conta do espaço físico casa de reza, a que conduz o jeroxy, a liderança espiritual que seria o rezador, e a liderança da escola.

Não pretendo destrinchar aqui o papel de cada um, para isto é necessito fazer um trabalho de campo com mais tempo para compreender melhor a dinâmica das lideranças nesta aldeia, más, rapidamente, poderia dizer que a liderança e a vice-liderança faz um trabalho interno na aldeia, como resolver os problemas locais. O Teodoro é liderança e professor na escola, o Adriano faz o papel de encaminhar os documentos produzidos devido às demandas da aldeia para os órgãos competentes, Sr. Honório é liderança espiritual, visto que é o *oporaiva* na aldeia. Más cada um é também “tendotá”, pois está à frente em uma determinada ação para cumprir uma demanda da comunidade, e se a pessoa está puxando determinada fila é porque ela se destacou naquela função e foi escolhido pelo grupo para tomar a frente daquele papel.

Todo *mburuvicha* é um *tendotá*, más nem todo *tendotá* é um *mburuvicha*. Qualquer pessoa que está conduzindo uma ação pode ser um *tendotá*, o *mburuvicha* é a pessoa de referência principal da aldeia, ela puxa a fila da aldeia.

Na parte seguinte do texto, irei expor alguns aspectos sobre as lideranças de uma das aldeias localizada em Guaíra-PR, neste município a situação é diferente, e está ligada ao motivo da terra não ser demarcada e regularizada, isso gera outras situações e demandas para as lideranças.

### **3.2-AS LIDERANÇAS NO TEKOHÁ Y’HOVY**

Na aldeia Tekohá Y’hovy, que é organizada pela vice-liderança e a liderança, a diferença entre os papeis não é hierárquica, ela se na divisão das funções. A vice-liderança se chama Paulina, é professora na escola da aldeia e está se preparando para ser rezadora, é responsável pela questão da saúde dentro da aldeia, e é membra da AMISUL (Articulação das Mulheres do Sul), não que seja uma regra, mas ela passa mais o seu tempo na aldeia resolvendo problemas internos, geralmente quando sai é para ir em eventos sobre saúde

indígena, para a apresentação do coral da aldeia, e eventos acadêmicos sobre questões indígenas.

Já a liderança se chama Ilson, viaja com frequência para falar sobre a situação de conflito local, que gera graves riscos para todas as pessoas que vivem nas aldeias, geralmente para eventos acadêmicos e políticos, a fim de expor a situação da urgência em demarcação de terras e todo e desenrolar deste problema.

Clastres (2004 [1980]: 103), constatou que

[...] as funções concretas, empíricas do líder desdobram-se no campo, poderíamos dizer, das relações internacionais, exigindo, portanto as qualidades relativas a esse tipo de atividade: habilidade, talento diplomático para consolidar as redes de aliança que garantirão a segurança da comunidade; coragem, disposição guerreira capaz de assegurar uma defesa eficaz contra os ataques dos inimigos ou, se possível, a vitória em caso de expedições contra eles.

Sabemos que Pierre Clastres realizou seus estudos com o mbya-guarani, com o guayaki (aché) e os yanomamy, suas reflexões sobre a chefia indígena parte de suas etnografias, o autor compreendeu os chefes indígenas como “porta voz” da comunidade, ele tem o dever de dizer aos outros o que a comunidade quer que seja dito: “Na verdade, ele dispõe apenas de um direito ou, melhor, de um dever de porta voz: dizer aos outros o desejo e a vontade da sociedade” (Idem).

Não consigo descrever aqui toda minha aprendizagem que obtive através de minha vivência com Paulina, ela me ajudou tanto em minha formação como antropólogo, como também enquanto pessoa. Fui para o Tekohá Y’Hovy cinco vezes, na primeira vez foi em 2012 com a professora Senilde, foi nesta vez que conheci Paulina, na segunda, em 2013, fiquei na aldeia por 3 dias, na terceira vez fui somente para acompanhar e registrar um protesto pacífico realizado pelo Guaranis no município de Guaíra-PR, no ano de 2013, no ano de 2014, fui com um outro companheiro do curso de Antropologia, ficamos acampados na aldeia por quatro dias, a última vez, no final do ano de 2014 e a passagem foi rápida, de uma noite e uma manhã apenas.

O tempo foi pouco, gostaria de fazer um trabalho mais aprofundado, não só no Tekohá Y’hovy, mas também em outras aldeias localizadas no município de Guaíra e Terra Roxa. Todas as vezes que fui para o Tekohá Y’hovy aproveitei para conversar bastante com Paulina, o Ilson e as outras pessoas da aldeia, sou muito bem recebido por todo(a)s, principalmente as crianças, ao mesmo tempo que acho muito bom eu vejo o lado ruim, sempre escuto diversos casos de preconceitos contra as crianças, apontam o motivo delas estar sempre em contato com as crianças não-indígenas na escola, preconceito e ameaças

contra as pessoas que precisam de atendimento hospitalar, preconceito fora das aldeias, em espaços como super-mercados, na rua e etc. As constantes ameaças às lideranças. O Ilson me contou que foi ameaçado diversas vezes, dentre elas duas vezes apontaram o revólver para ele.

A Paulina, como vice-liderança, fica a cargo de manter a estabilidade da comunidade, assim, ela busca conversar e dar conselhos para as crianças e adolescentes que estão sofrendo violência na escola, ajuda a solucionar os conflitos familiares - como briga de casal, por exemplo - aconselha o pessoal da comunidade a “manter a cultura” Guarani, como plantar a roça perto da casa, comparecer na casa de reza, e é cantora do coral.

Como já venho assinalando, o papel dos rezadores (xamãs) na luta pela terra é fato de extrema relevância, como mostrou Pimentel (2012:192), toda liderança tem um rezador por perto, geralmente é da família, ou a própria pessoa, como aquelas que além de ser mburuvicha é também rezador. O pai e a mãe de Paulina são rezadores, ela é liderança e está se preparando para ser uma rezadora.

No Tekohá Y’hovy, todos os dias por volta das 20:00, aproximadamente, as pessoas se juntam na casa de reza para realizar o jeroxy, um ritual que envolve, basicamente, ritmo, canto e dança, os homens utilizam o mbaraká (chocalho), e as mulheres a takuá (bambu grosso de um metro e meio de comprimento aproximadamente) que o utilizam batendo no chão enquanto, o mbaraka marca o tempo, no canto é entoado apenas a vogal “e” constantemente variando a altura da voz, quando a voz aumenta o mbaraka acelera e as takuas fazem tremer o chão da casa de reza. Enquanto acontece a reza - que nesta aldeia é puxada pela Paulina, ou dona Constância a mãe da Paulina – os homens e as crianças dançam em roda, no sentido anti-horário.

Nas casas de rezas há o “altar” composto por alguns elementos como as penas coloridas, que representam as crianças “batizadas”, as varas pintadas com listra pretas, o recipiente de madeira com a água do “batismo”, entre outros elementos variantes. Já me explicaram de diversas formas o jeroxy, ouvi dizer que é a dança, outra vez era uma preparação das crianças, ligada à formação do corpo, escutei que era uma forma de falar com Ñanderu, o verdadeiro e único dono da terra. O jeroxy é intensificado em períodos de tensões e conflitos.

Em Benites(s/d), é evidente a semelhança da cosmo-política Kaiiwá-Guarani do processo de retomada da terra, no sul do Mato Grosso do Sul, e dos Avá-Guarani no oeste do Paraná, percebemos a importância do(a)s rezadore(a)s e do jeroxy como forma de proteção neste processo árduo, e muitas vezes um tanto trágico e catastrófico.

No meado de 1990, no contexto tenso de conflito pela posse da terra de Jaguaripiré, na situação perplexa e aflituosa das famílias muitos rezadores prestigiosos – ñanderu kuera – realizaram vários encontros de rituais religiosos tradicionais guarani-kaiowá – jeroky guasu – para evitar que acontecesse algo inesperado, pois pela reza todos os ñanderu se comunicavam para não acontecer nada de ruim. (BENITES s/d: 09)

Em Albernaz (2009:263), podemos perceber que no oeste do Paraná, os Guaranis também se protegem através das rezas, no processo de demarcação.

[...] antes dos acampamentos e durante os mesmos a casa de reza é o lugar onde tanto se realiza rezas para o fortalecimento espiritual e para pedido de proteção dos Deuses, como também onde prioritariamente se realizam as reuniões das lideranças políticas, geralmente logo depois das rezas.

Ao mesmo passo, o jeroky é um ritual de alegria e diversão, pois há o momento de treinamento dos corpos das pessoas, a fim de deixá-las ligeiras e preparadas, por exemplo, para uma fuga, ou uma grande caminhada, ou até mesmo um combate, neste momento o tendotá da roda tenta encostar o mbaraká no corpo da pessoa que tem que evitar que isso aconteça, quando o tendotá acerta, a pessoa sai do centro da roda e ele chama outra pessoa para continuar a brincadeira. Eu percebi que tem duas figuras centrais no jeroky, o condutor da roda, é o tendotá que puxa a fila, que vai na frente da roda marcando o ritmo com o mbaraká, mas a figura principal do ritual em sua totalidade é a(o) rezador(a), que puxa o canto, só os olhos podem ver, e o corpo sentir, o quanto o jeroky também é belo.

Na tese de Benites (2014), é descrito o processo de reocupação de três tekohás no extremo sul do Mato Grosso do Sul, o autor nos mostra a importância do jeroky durante as retomadas da terra.

É possível dizer que enquanto se está “fazendo a luta”, os rituais religiosos – jeroky – levados a diante pelas famílias extensas e pelos ñanderu constituem práticas e ações concretas indispensáveis ao bom andamento do processo de reocupação dos territórios” (BENITES, 2014: 38)

Geralmente as reuniões ocorrem na Opy Guasu, apenas uma que presenciei foi em uma sala na escola da aldeia. A pessoa que fala fica de costas para o altar e de frete para as outras que ficam em volta, umas sentadas em bancos de madeira e outras em pé, enquanto a reunião acontece as crianças ficam brincando em volta dos adultos que

participam falando ou ouvindo a outra pessoa falar. Os temas das reuniões é gerado no plano da esfera interna da aldeia, quanto da externa.

Os assuntos referentes a demarcação da terra, documentação (certidão de nascimento, RG, CPF), saúde, cesta básica, alfabetização de crianças, jovens e adultos, conflitos entre as pessoas do grupo, são os problemas gerados no âmbito interno na aldeia, porém que perpassam e se relacionam com a esfera externa da aldeia, pois é necessário o diálogo com pessoas e instituições, como MPF, FUNAI, FUNASA, profissionais da área da educação, pesquisadores, entre outros.

Com frequência as falas são longas, quando uma pessoa fala algo coerente e de uma forma dura, séria e concisa, as outras pessoas dizem; “añeteko”, uma palavra de concordância que pode ser literalmente traduzida como “verdade”.

Para uma reunião ocorrer são necessário alguns elementos, como a locomoção e alimentação. Não é fácil conseguir, muitas vezes o apoio vem das alianças que as lideranças fazem no decorrer da jornada da retomada de parte do território que lhes pertencem.

Até onde consegui chegar com o trabalho de campo, aprendi que as lideranças são como “porta voz” do grupo, é a liderança que faz o diálogo entre o grupo (espaço interno) e com a sociedade envolvente (espaço externo). Fato que, antes do contato com o branco, não era necessário.

Se referindo às sociedades indígenas da América do Sul, Clastres (2004 [1980]: 102) afirma que: “[...] o líder primitivo é parcialmente o homem que fala em nome da sociedade quando circunstâncias e acontecimentos o colocam em relação aos outros”.

Geralmente nas reuniões de lideranças que presenciei, vi a figura do xondaro. Perguntei para algumas pessoas o que era o xondaro, recebi duas explicações diferentes, porém complementares, uma forma é explicar o xondaro como o “segurança” da aldeia, sendo assim, os xondaros são requisitados em momentos de conflito, para vigiar e proteger a aldeia, e em momentos de receber as autoridades dos brancos (reuniões com MPF, MPE, FUNAI, políticos etc.).

Os xondaros, okaigua e opora’i ve atualmente se limitam às atividades religiosas dentro da Opy, sendo realizadas principalmente por jovens solteiros ou casados cuja posição político-religiosa ainda não é definida. Os xondaros 113 geralmente transcendem um pouco a esfera religiosa, sendo os ajudantes dos caciques nas funções civis. Os Mbyá explicam que os xondaros são guerreiros, os guardiões, função que faz lembrar o passado guerreiro na história guarani; porém, na atualidade os xondaros fazem o papel de “polícias da comunidade”, são os executores das decisões tomadas nas aty

guaçu, e são comandados pelo xondaro ruvixa, responsável pela organização do grupo. (Quezada, 2007: 79)



Foto 8:  
Xondaro da  
aldeia  
Tekohá Jevy

Outra explicação que obtive é que xondaro é o guerreiro do trovão, quando está chovendo e caindo muito raios é um xondaro que está passando com seu cavalo, o cavalgar do cavalo em alta velocidade é o fator que faz com que os raios se disparem em direção à terra.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A conjuntura política no cenário brasileiro no tocante aos direitos indígenas vai de mal a pior, a PEC 215<sup>13</sup> tem como objetivo tirar do poder Executivo o papel de homologar a demarcação da Terra Indígena, passando para o poder Legislativo, porém, quem está neste poder são os deputados e senadores que são contra a demarcação de Terra Indígena, no Congresso, temos a bancada ruralista, são aqueles e aquelas deputados(as) e senadores(as) que são donos de grandes propriedades de terra, e que lucram rios de

---

<sup>13</sup> Para maiores informações sobre o impacto destrutivo da PEC 215 sobre a população indígena e quilombola, acesso o link: <http://www.cimi.org.br/pec2015/cartilha.pdf>

dinheiro com o agronegócio, são os inimigos da terra (natureza), pois a única relação que tem com ela é a econômica.

Desde a perspectiva política, em especial em regiões de fronteira, os movimentos indígenas, direta ou indiretamente, desafiam os estados nacionais e a sociedade civil como um todo a repensarem seus padrões de desenvolvimento e crescimento econômico. Ao resistir ao agronegócio e à agroindústria, à construção de grandes empreendimentos em suas terras, ao represamento e à transposição dos rios, de modo a afetar seus modos tradicionais de vida, ao denunciar o uso de venenos e transgênicos, ao impedir a derrubada de florestas, entre outras formas de resistência, os povos indígenas incomodam a sociedade porque tentam frear o avanço predatório, mas altamente lucrativo, dos homens sobre a terra e sobre os recursos naturais. (Guanaes, 2015: 18)

A questão da relação com a terra é cosmológica, ao passo que os Guaranis concebem a terra como uma entidade dotada de vida e que tem agência, os fazendeiros a concebem como meio de produção com fins lucrativos. Já escutei, inúmeras vezes, os Guaranis falarem que o agronegócio está matando a terra e o povo que vive sobre ela, e o único motivo dela estar viva, ainda, é devido aos xamãs que, através da relação com ñanderu, metem o equilíbrio cósmico e a vida da terra.

Sei que para muitos brancos isso é viaje, porém, é uma forma de experimentar o pensamento Guarani, que é tão válido quanto o nosso, inclusive devemos nos atentar para o que os xamãs nos dizem sobre a morte da terra devido à exploração intensa do agronegócio.

Nesta monografia, que é um ritual de passagem através do qual vou deixar de ser estudante de antropologia e passar a ser um antropólogo, fiz uma abordagem do porquê os Guaranis estão lutando pela demarcação territorial, assim perpassei por fontes de caráter histórico, que me deram o subsídio para o primeiro capítulo, que mostra a espoliação das aldeias em prol da expansão para o oeste e o desenvolvimento territorial e econômico da Nação brasileira, que por sinal, tenta ser uma nação branca, monolíngue e um tanto excludente.

Tratei de mostrar o quanto é extremamente difícil para os Guaranis que vivem em aldeias no (e ao entorno do) município de Guaíra, suportar a pressão violenta que vem por parte dos brancos que são manipulados pelos meios de comunicação, e pelo pensamento coronelista que vem dos fazendeiros e seus aliados. Guanaes (2015) utiliza um conceito de João Pacheco de Oliveira, como ferramenta conceitual para utilizarmos como objeto de reflexão para compreender a pressão que o povo indígena enfrenta na contemporaneidade.

João Pacheco, em uma entrevista dada ao Jornal Estadão, usou a expressão “cerco articulado” para definir as ações organizadas contra os povos indígenas de todo o país, orquestradas em sua grande maioria pelos latifundiários do agronegócio, mas com forte capacidade de adesão e

mobilização política junto a setores do governo e junto à opinião pública. Não poderia haver termo mais feliz para descrever a situação indígena na região oeste do estado do Paraná. O cerco nessa região surpreende porque tem se articulado não apenas com setores econômicos do agronegócio, mas também com o comércio, a construção civil, a rede hoteleira e turística e as empresas de comunicação e mídia. (Guanaes, 2015)

É um cerco muito bem articulado que o movimento indígena e indigenista enfrenta nos dias atuais, uma guerra ontológica, onde o que está em disputa é o que costumamos conceber como natureza, os rios, a terra, as árvores, os montes, a floresta, o cerco pressiona, mas o movimento indígena reage e se fortalece.

Com a demarcação de terras travada devido as artimanhas dos políticos da bancada ruralista, quem sai em desvantagem é o povo indígena, a pergunta que se faz é: até quando os indígenas vão ficar esperando o Estado para demarcar suas terras?

## REFERÊNCIAS

- ALBERNAZ, Adriana C. R. *Antropologia, História e Temporalidades entre os Avá-Guarani de Oco'y* (PR). Tese de doutorado – UFSC: Florianópolis, 2009. 391 p
- BENITES, Adão. *Retomada de Terra e Cosmologia Guarani/Kaiowá: uma abordagem a partir de uma história de vida*. s.n.t.
- BENITES, Tonico. *Rojeroky Hina há Roike Jevy Tekohape (Rezando e Luatando): o movimento histórico dos Aty Guasu dos Avá Kaiowá e dos Avá Guarani pela recuperação de seus tekoha*. Tese de doutorado - Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2014. 270p.
- CANESE, Natalia K. & ALCARAZ Feliciano A. *Ñe'ẽryru*. Instituto Superior de Lenguas. Universidad Nacional de Asunción. Ediciones y Artes S.A. Asunción Paraguay, 2014.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006. 222p.
- CARVALHO, Maria Lucia B. *Das Terras dos Índios a Índios sem Terras o Estado e os Guarani de Oco'y: Violência, Silêncio e Luta*. Tese de doutorado - USPFFLCH. São Paulo, 2013. 834 p.
- CLASTRES, Pierre. Uma Questão de Poder nas Sociedades Primitivas. IN: *Arqueologia da Violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo. Cosac & Naify, 2004[1980]. 223p.
- \_\_\_\_\_. *A Sociedade Contra o Estado. Pesquisa de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1974]. 280p.
- CONRADI, Carla Cristina Nacke. *O Movimento os Guarani de Reocupação e Recuperação de seus Territórios no Oeste do Paraná*. IV Congresso Internacional de História – Maringá, 2009.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Etnicidade, Indianidade e Política*. IN: *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009. 440p.
- DAMATTA, Roberto. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. 285p.
- GUANAES, Senilde A. *O Estado Nacional e as políticas desenvolvimentistas: o "cerco articulado" contra os Guarani na Tríplice Fronteira Sul*. TESSITURAS: Revista de Antropologia e Arqueologia, v. 3, p. 307-336, 2015.
- LADEIRA, Maria Inês. *As Demarcações Guarani, a Caminho da Terra Sem Mal*. IN: *Povos Indígenas no Brasil 1996/2000 – Instituto Sócio Ambiental*. São Paulo, 2000.  
<http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=node/4658>

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural, 1976. 436 p. (Pensadores(os); v.43)

MARÉS, Theo. Terras Indígenas. IN: Os Direitos dos Povos Indígenas no Brasil: desafios no século XXI. Orgs. SOUZA FILHO, C. F. Marés e BERGOLD R. Cezar. Curitiba: Letra da Lei, 2013.

MAZZAROLLO, Juvêncio. *A Taipa da Injustiça*. Esbanjamento econômico, drama social e holocausto ecológico em Itaipu. Edições Loyola. São Pulo, 2003 [1980]. 203p.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, *Relatório de Visita Técnica à Aldeia Tekohá Yhovy*. Procuradoria da República no Município de Guaira-PR. Guaíra, 2013. Disponível em: [www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/YHVVY.pdf](http://www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/YHVVY.pdf)

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, *Relatório de Visita Técnica à Aldeia Tekohá Tajy Poty*. Procuradoria da República no Município de Guaira-PR. Guaíra, 2013. Disponível em: [www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/TAJY\\_POTY.pdf](http://www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/TAJY_POTY.pdf)

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, *Relatório de Visita Técnica à Aldeia Tekohá Marangatu*. Procuradoria da República no Município de Guaira-PR. Guaíra, 2013. Disponível em: [www.prpr.mpf.gov.br/pdfs/2013/MARANGATU.pdf](http://www.prpr.mpf.gov.br/pdfs/2013/MARANGATU.pdf)

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, *Relatório de Visita Técnica à Aldeia Tekohá Karumbey*. Procuradoria da República no Município de Guaira-PR. Guaíra, 2013. Disponível em: [www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/KARUMBAY.pdf](http://www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/KARUMBAY.pdf)

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, *Relatório de Visita Técnica à Aldeia Tekohá Araguaju*. Procuradoria da República no Município de Guaira-PR. Guaíra, 2013. Disponível em: [www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/ARAGUAJU.pdf](http://www.prpr.mpf.mp.br/pdfs/2013/ARAGUAJU.pdf)

MYSKIW, Antônio M. *A Fronteira Militar como Destino de Viagem: A Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Tese de doutorado. UFF, Niterói, 2009. 238 p.

OLIVEIRA, Diogo. *Os Avá-Guarani no Oeste do Paraná: História e Resistência de um Povo Indígena*. IN: \_\_\_ NOGUEIRA, Caroline B. C. (org.), et al. Direito Sócio Ambiental: uma questão para a América Latina. Letra da Lei, 2014. 224 p.

PACKER Ian. *Violações dos Direitos Humanos e Territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988)*: subsídios para a Comissão Nacional da Verdade. Centro de Trabalho Indigenista – CTI. 2013. 103p. Disponível em: <http://bd.trabalhoindigenista.org.br/?q=documento/viola%C3%A7%C3%B5es-dos-direitos-humanos-e-territoriais-dos-guarani-no-oeste-do-paran%C3%A1-1946-1988-sub>

PIMENTEL, Spensy Kmitta. *Elementos para Uma Teoria Política Kaiowá e Guarani*. Tese de doutorado. São Paulo, 2012.

QUEZADA, Sérgio Eduardo Carrera. *A Terra de Nhanderu: Organização Sociopolítica e Processos de Ocupação Territorial dos Mbyá-Guarani em Santa Catarina, Brasil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. FLORIANÓPOLIS, 2007.

RIBEIRO, Sarah, I.G.T. *Os Guarani no Oeste do Paraná: espacialidade e resistência*. IN: Espaço Plural – Ano VI. N° 13. 2005

SAÉZ, Oscar Calavia. *Esse Obscuro Objeto da Pesquisa*. Um manual de método, técnica e teses em Antropologia. Ilha de Santa Catarina, 1° Ed. Edição do Autor. 2013.

SILVA, E. de Oliveira. *Desbravadores de Guaíra: a História da 5° Companhia de Fronteira*. Guaíra: Gráfica Lex Ltda, 2011. 288p.

VIEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

\_\_\_\_\_ O Marmore e a Murta: sobre a inconstância da alma selvagem. In: *A Inconstância da Alma Selvagem*. E outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosacnaify. 2009

\_\_\_\_\_ *O Nativo Relativo*. MANA 8(1): 113-148, 2002.

WAGNER, Roy. 2010 [1975]. "A presunção da cultura". In: *A Invenção da Cultura*. São Paulo: Cosac Naify.

WHYTE, Willian Foote. *Treino em Observação Participante*. IN: *Sociedade de Esquina: a estrutura social em uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005 [1993]

**Anexo 1- Transcrição da fala de Ilson no XXVI Encontro Regional de Estudantes de Ciências Sociais da Região Sul, no ano de 2014, na cidade de Foz do Iguaçu.**

No início do ano passado (2013) a Casa Civil mandou paralisar todos os processos de demarcação de terra no Paraná, Mato Grosso do Sul e em toda a região.

São propostas que tenta impedir as demarcações de terra, até mesmo de diminuir as terras já demarcadas, são projetos de leis que dará o direito a mineradoras ou empresas privadas de entrarem e explorarem as terras já demarcadas, como minérios, madeira das terras indígenas.

Do nosso ponto de vista Guarani, chamamos esses projetos de assassinos, porque tudo o que esses projetos vão fazer contra as etnias indígenas, com o povo indígena que tá lutando pela demarcação, e aquele povo que já está em uma terra demarcada, é uma maneira de assassinar o povo.

Se tratando da terra, a terra pra nós é um sinônimo de liberdade, é um sinônimo de sobrevivência, quando nós pensamos na demarcação da terra, quando queremos que as nossas terras sejam reconhecidas, as terras de direito originário, a luta que a gente leva hoje, quando a gente leva essa luta, a gente leva conosco as nossas famílias, as crianças, porque os nossos filhos vão herdar o que nós deixamos pra eles hoje, e aquilo que a gente tem de bom durante a vida, ou aquilo que a gente tem de ruim, é o que eles vão herdar, e o que eles vão herdar é o que nós queremos, é que tenham um espaço no futuro pra eles sobreviverem, pra eles continua levando em frente a nossa cultura, as nossas crenças, porque algumas vezes, quando um branco olha para um índio, a primeira coisa que ele diz é que ele deixou de ser índio, porque o índio tá vestido, porque algumas vezes o índio tem celular, quando algum indígena tem computador, ou uma televisão, então muitas vezes ele diz que o branco deixam de ser índio, mas na verdade é que tudo isso veio com... quando o branco chegou aqui não tinha nada disso, e o branco quando chegou aqui ele também não tinha nada disso. Cabral não chegou com celular, ele não chegou de terno e gravata. Se nós vestimos roupa isso não faz de nós um branco, porque se um branco tira a roupa e fica pelado ele não vai virar um índio, ele vai ser um branco pelado... Porque dentro de cada um de nós há lembranças, daquele que foi encontrado na beira do mar, porque temos a nossa crença, a nossa língua materna, ainda temos a nossa dança, a nossa reza, porque nós temos hoje a nossa cultura, é o que nos mantém vivos, é a riqueza que temos ainda, isso nós não perdemos, apesar desses mais de 500 anos de contato com os brancos, ainda queremos levar muito adiante, é o que não queremos perder, mas parte da nossa cultura a gente já perdeu. O branco diz que o índio tem que viver da caça e pesca, infelizmente a

caça e a pesca desaparecem com o progresso, a mata a flora a fauna, tudo aquilo com o qual o nosso povo foi... desapareceu. Tudo aquilo que era a fonte de remédios, nós indígenas sempre vivemos de remédios da mata, a nossa cultura que... as nossas terras que eram fonte de remédios, tudo aquilo que era fonte de remédios virou cidade, virou grandes plantações de soja.

Então essa parte da cultura é uma parte que a gente já perdeu ela aos poucos, com a perda da terra está sendo invadida por índio, por estrangeiros que vieram do Paraguai, que vieram do Mato Grosso do Sul. Mas a América do Sul nela não tinha fronteiras, e mesmo que o povo indígena que hoje tá no Paraguai, parte deles foi levado da margem do rio Paraná com crescimento das águas com a construção da hidrelétrica de Itaipu, milhares de hectares de terras indígenas ficaram inundadas, ficaram por baixo d'água, e algumas famílias foram levadas pela própria empresa para o Paraguai, pro Mato Grosso do Sul, algumas famílias fugiram e também o órgão de proteção ao índio, que era o SPI (Serviço de Proteção ao Índio) levava várias famílias Guaranis pra Terra Indígena Kaingang porque no modo de pensar das pessoas do SPI os Guaranis seriam levados pra Rio das Cobras, Marrecos, foram levados pra Mangueirinha, mas a maioria acabaram voltando para Guaíra, e não é por isso que Guaíra está cheia de indígenas... que a FUNAI está importando índios, e até mesmo que a FUNAI está forjando cemitério em Guaíra com ossos trazidos do Xingu... isso saiu nas redes sociais, nos jornais saiu que Guaíra se tornaria uma Terra Indígena, e os moradores de Guaíra seriam expulsos, e com a sociedade de Guaíra começou a nos ver como inimigos, acho até que pior do que isso, porque o nosso inimigo a gente enfrenta, mais enquanto indígenas a gente percebia que a sociedade estava muito preconceituosa, a gente entrava, muitas vezes as lojas até fecharam as portas quando a gente ia na cidade, algumas pessoas pra não nos encontrar na rua, eles atravessavam a rua, crianças foram trancadas dentro da sala de aula pra eles não se juntarem às crianças da escola, pais de alunos queriam assistir as aulas nas escolas porque as crianças indígenas representavam perigo para os filhos deles.

Então com tudo isso as comunidades indígenas ficaram praticamente acudadas, a gente também não tem pra onde ir, a gente tá em pequenas áreas de matas, e pra ser sincero a gente não tá incomodando ninguém, pelo contrário, estamos nos sentindo incomodados com a nossa presença, porque parte das comunidades estão em lugares que é do estado, do município, ou até mesmo particular. A nossa comunidade está em frente a uma lavoura e o proprietário quer que os indígenas sejam retirados daí pra construir um condomínio médio padrão, na visão deles os indígenas estão atrapalhando, que eles estão deixando de ganhar dinheiro por causa que os índios estão ali.

No começo do ano passado (2013) tinham faixas na cidade dizendo que: ‘invasão indígena não combina com ordem e progresso’ e fizeram uma campanha, “minha terra, minha vida”, pra que não se demarcasse Terras Indígenas, e os ruralistas fizeram manifestações em várias partes do Brasil, em Mato Grosso do Sul em Guaíra e em muitos outros municípios, eles 7 diziam que os índios fazem manifestações eles interditam a BR porque não tem nada pra fazer, mas se os índios podem interditar uma BR então eles também podiam e isso foi bastante impactante... isso foi uma das coisas que mais fortaleceu essas PEC, essas propostas de Ementa Constitucional pra que os processos de demarcação ficassem parados até agora.

Com a falta da demarcação muitas coisas ficam fora do nosso alcance, com essa campanha os indígenas que trabalhavam nas cidades, todos foram dispensados dos seus trabalhos na cidade, todos os índios ficaram desempregados e a situação ficou bastante complicada, até chegou o Ministério Público. O M.P. foi de grande ajuda porque eles chamaram várias pessoas pra se explicarem o porquê de tanto preconceito, o porquê das redes sociais falarem tanto mal dos indígenas, depois disso deu uma melhorada, ficou tudo mais tranquilo, até final de Novembro do ano passado 8 quando um indígena foi assassinado quando voltava pra aldeia, ele levou um tiro no peito e tinha várias crianças com ele, uma das crianças hoje tem uma bala no braço, e foi atingido de raspão na cabeça, e o doutor falou que não ia tirar a bala do braço porque isso não ia prejudicar futuramente, então ele ainda tem essa bala no braço. Tudo isso são consequência da nossa luta, é bastante árdua e complicada.

## **Anexo 2 - Carta dos Avá-Guarani referente à última ocupação do Parque Nacional do Iguaçu.**

Parque Nacional do Iguaçu, 27 de Abril de 2014

*Nós, Avá-Guarani do oeste do Paraná, reunidos no encontro de lideranças realizado no Tekoha Ka'Aguy Guasú decidimos fazer um comunicado público.*

*No ano de 1977, após um período de dois anos de luta, foi fundada a aldeia Tekoha Añetete no município de Diamante D'Oeste, que no último dia 18 de abril completou 14 anos de existência. Em 2007, após outro período de luta, foi fundada a aldeia Tekohá Itamarã, duas aldeias, nossas famílias aumentaram e o território disponível para a nossa sobrevivência ficou pequeno.*

*Por isso, decidimos recuperar uma parte da terra do Parque Nacional do Iguaçu. Nós, Guarani, desde antes do que os brancos chamam de “descobrimento do Brasil”, já habitávamos boa parte do Brasil, Argentina, Paraguai e Bolívia. Vivíamos da mata e caminhávamos livremente pelos territórios. Depois, vieram os brancos com suas fronteiras. As matas nativas do atual Parque Nacional do Iguaçu sempre foram habitadas por nós Guaranis, desde antes da fundação do Parque em 1939. A estas grandes matas chamamos tradicionalmente de Ka'aguy Guasú. No século XX, houve no Paraná um intenso processo de colonização do oeste do estado que significou a perda de boa parte de nosso território, além da devastação das grandes matas que existiam na paisagem da região.*

*Isto afetou diretamente nosso povo.*

*O Nhande Reko Guarani, “nosso modo de ser Guarani”, precisa das matas e dos rios para existir. Por isso, nós Guaranis sempre protegemos as matas, pois sem elas não há Nhande Reko. Quando habitamos a floresta, fazemos a agricultura de coivara, que não danifica a vida das matas, pois realizamos a rotatividade do uso do solo.*

*Os Guarani não foram e nem são os responsáveis pela devastação da natureza. Não somos nós que fazemos o monocultivo da soja e do milho. Não somos nós que criamos as fábricas, as estradas e as cidades. Não somos nós que criamos grandes quantidades de gado. Todos estes sim, Os grandes responsáveis pela destruição da natureza.*

*Por isso, não entendemos por que não podemos habitar o território do Parque Nacional do Iguaçu.*

*Todos os dias, milhares de turistas do Brasil e do mundo visitam as cataratas do Iguaçu, que também faz parte do território do Parque Nacional.*

*Não entendemos como estas terras podem ser exploradas pelo turismo, mas não podem ser habitadas por uma população que busca a sua sobrevivência.*

*Vir ao Parque, é recuperar um território que sempre foi nosso. Precisamos das matas para alimentar nossa cultura. Nós Guaranis, pensamos no futuro. Pensamos em nossas crianças. O limite de uma aldeia, feito pelo brancos, pode*

*servir por um tempo, más depois já não é mais suficiente, pois as nossas crianças crescem.*

*Queremos a demarcação de parte das terras do Parque Nacional do Iguaçu para o povo Guarani. Sabemos que mesmo sendo uma área de proteção ambiental é possível a demarcação. Na Argentina, os Guaranis conseguiram recuperar uma área que também era de proteção ambiental e é continuidade das matas do Parque Nacional do Iguaçu. No caso, foram as aldeias Guarani, M'Bororé, Yryapú, M'bocaí, Cunhá Pirú e Yvy Putá.*

*Pela demarcação de parte das terras do Parque Nacional do Iguaçu para os Guaranis !*

*Pela nossa cultura !*

*Sem Tekohá, não há Teko, “ sem território não há cultura”.*